



Universidade Federal Rural de Pernambuco
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Letras

***BLOG:PERCURSO SÓCIO-HISTÓRICO DE UM GÊNERO DA ESFERA
PRIVADA PARA A PÚBLICA***

MIKAEL MISSIAS CONSERVA ALMEIDA

Recife,
2024



Universidade Federal Rural de Pernambuco
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Letras

***BLOG:PERCURSO SÓCIO-HISTÓRICO DE UM GÊNERO DA ESFERA
PRIVADA PARA A PÚBLICA***

MIKAEL MISSIAS CONSERVA ALMEIDA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, da Universidade Federal
Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de
Educação a Distância e Tecnologia, como requisito
para a obtenção do título de Licenciado em
Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Paloma Pereira Borba
Pedrosa

Recife,
2024

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – 2024.1

Aos oito dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e quatro, às 10h, na Plataforma *Google Meet*, link <https://meet.google.com/foi-cgre-iwx>, instalou-se a banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: *Blog: percurso sócio-histórico de um gênero da esfera privada para a pública*, do(a) discente Mikael Missias Conserva Almeida do Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa- EAD da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE/UAEADTec. A banca examinadora foi composta pelos(as) professores(as) Paloma Pereira Borba Pedrosa (orientador/a), Aliete Gomes Carneiro Rosa (membro examinador) e Ivanda Maria Martins Silva (membro examinador). Como síntese dos trabalhos, a Banca emitiu o seguinte parecer: tendo cumprido às exigências do curso de graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa- EAD da UFRPE/UAEADTec, a pesquisa apresentou pertinência teórica e metodológica, bem como consolidação dos resultados em sintonia com os objetivos propostos, considerando-se o(a) discente aprovado(a) com nota final 10,0. Eu, Paloma Pereira Borba Pedrosa, lavrei a presente ata que segue assinada pelos membros abaixo.

Recife, 08 de agosto de 2024.

Paloma Pereira Borba Pedrosa
Presidente da Banca - orientador(a)

Aliete Gomes Carneiro Rosa
Membro Examinador

Ivanda Maria Martins Silva
Membro Examinador

Mikael Missias Conserva Almeida
Discente

BLOG:PERCURSO SÓCIO-HISTÓRICO DE UM GÊNERO DA ESFERA PRIVADA PARA A PÚBLICA

Mikael Missias Conserva Almeida

Autor do Trabalho de Conclusão de Curso
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
mikael.missias@ufrpe.br

Paloma Pereira Borba Pedrosa

Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
paloma.borba@ufrpe.br

RESUMO. A prática ancestral de registrar experiências pessoais em diários evoluiu com os blogs, que transformaram um gênero predominantemente privado em um formato público. Os blogs mudaram profundamente a maneira como indivíduos compartilham suas vidas íntimas, oferecendo uma nova expressão e audiência. Plataformas como o Blogger popularizaram os blogs, que se transformaram ao longo do tempo, dando origem a formatos como vlogs e audioblogs. Essa evolução também impulsionou o microblogging, respondendo à necessidade crescente de consumir informações de forma rápida e dinâmica. Nesse sentido, a presente pesquisa investiga a trajetória evolutiva do gênero *blog*, destacando os elementos sociorretóricos e linguísticos envolvidos nesse processo, compreendendo como influências e demandas sociais moldaram o surgimento e desenvolvimento desse gênero, culminando em ramificações como *vlogs* e *audioblogs*. Utilizando uma revisão bibliográfica qualitativa, com ênfase na análise histórica e diacrônica do gênero *blog*, o estudo revela como esse gênero, inicialmente uma forma de diário pessoal baseado em links, se transformou em uma plataforma pública e multifuncional. Os resultados da pesquisa evidenciam que as necessidades e expectativas da sociedade exercem profunda influência na utilização e evolução dos gêneros textuais. A introdução de novas tecnologias desempenha um papel crucial no aparecimento de novos gêneros, enquanto alguns gêneros antigos tornam-se obsoletos. Assim, este estudo oferece uma base sólida para futuras investigações sobre a dinâmica dos gêneros textuais na era digital.

Palavras-chave: Blog; Vlog; Audioblog; Microblog e diário pessoal.

1. Introdução

Os gêneros textuais representam classificações fundamentais para a organização de textos, estruturando-os de acordo com suas características intrínsecas. Cada gênero carrega consigo atributos distintivos que os separam uns dos outros. Nessa perspectiva, emerge uma ampla gama de categorias de gêneros textuais, abarcando não apenas os já consagrados, mas também aqueles à margem, reconhecidos como gêneros emergentes. No âmbito desses emergentes, despontam os gêneros textuais inseridos no cenário digital, em constante evolução, com uma disseminação cada vez mais ampla, a exemplo do *blog*.

O *blog*, como representante dos gêneros textuais digitais, tem experimentado metamorfoses significativas, especialmente quando consideramos as necessidades atuais da sociedade. Somos agentes moldadores das transformações em nosso ambiente e cultura, e, por consequência, também sofremos influência dessas mutações. Nesse sentido, podemos considerar que novos meios “remediam” meios anteriores (Bolter, 2001). Diante desta premissa, o *blog* assume características do gênero textual diário, já solidificado. Tanto um quanto o outro são registros escritos organizados cronologicamente. Muitos *blogs* se concentram em relatar percepções e reflexões pessoais sobre o cotidiano e as emoções do autor, assim como o diário, que simultaneamente dá origem a derivações notáveis, como é o caso do *vlog* e do *audioblog*, que emergem como gêneros em progressão.

Os *blogs* são formatos de publicação *online* que atraem interesse devido à sua simplicidade e facilidade de uso. Servindo a diversos tipos de *sites*, como pessoais, de notícias e intranets corporativas, os *blogs* funcionam como diários *online*, reunindo textos em forma de mensagens (*posts*) que são publicadas instantaneamente na *web*.

É notório que alguns *blogs* mantêm elos diretos com seus predecessores, conexões que realçam semelhanças e culminam em um desenvolvimento evolutivo. Nesse contexto, os *blogs* absorveram características inerentes ao gênero diário, enquanto os *vlogs*, *audioblogs* e *microbloggings* herdaram atributos dos próprios *blogs*. Para ilustrar esse percurso evolutivo, serão apresentados, neste trabalho, os meandros

dessa transformação, analisando como a adoção de um gênero textual é influenciada por variáveis presentes na sociedade.

A transformação dos *blogs* em *vlogs*, por exemplo, reflete a crescente demanda por conteúdo visual e audiovisual em detrimento do texto escrito, em consonância com as mudanças nos hábitos de consumo de informação. Esses novos formatos se adaptam às necessidades de um público que busca maior dinamismo e interação nas plataformas digitais.

Além dos *blogs* e *vlogs*, os *audioblogs* têm se destacado como uma evolução natural do gênero, combinando a praticidade do áudio com a estrutura do *blog* tradicional. Os *audioblogs* permitem que os criadores de conteúdo compartilhem suas ideias e experiências através de gravações de áudio, o que atende a uma audiência que prefere consumir conteúdo de forma auditiva, seja durante deslocamentos, atividades físicas ou outras situações em que a leitura não é viável.

Outro formato que emergiu com força é o *microblogging*, caracterizado por *postagens* curtas e frequentes. Plataformas como o X (antigo *Twitter*) exemplificam essa tendência, permitindo que os usuários compartilhem pensamentos, atualizações e *links* de maneira rápida e concisa. O *microblogging* reflete a necessidade contemporânea de comunicação ágil e imediata, moldada por um ambiente digital onde a informação é consumida em alta velocidade.

Os fatores tecnológicos desempenham um papel crucial nesse processo evolutivo. A facilidade de acesso a câmeras de alta qualidade, aplicativos de gravação de áudio, e plataformas de edição de vídeo e texto permitiu que mais indivíduos criassem e compartilhassem conteúdo em diversos formatos. A evolução das redes sociais também facilitou a disseminação desses novos formatos, ampliando seu alcance e impacto.

Nesse sentido, a justificativa para a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso, que investiga a evolução do gênero textual diário para o formato de *blog* e suas derivações, é respaldada pela necessidade premente de aprofundar a pesquisa e a discussão de caráter histórico e diacrônico para enriquecer os estudos linguísticos. Este trabalho busca compreender a relação da sociedade contemporânea com as atuais

práticas de interação mediadas por meios digitais e os fatores históricos que contribuíram para esse processo.

A abordagem histórica e diacrônica se torna fundamental para o entendimento dos fenômenos linguísticos, permitindo-nos enxergar as transformações e as influências que moldaram desde o gênero diário até o *blog* ao longo do tempo. Isso não apenas enriquece o campo dos estudos linguísticos, mas também lança luz sobre as práticas de interação contemporâneas, que estão intrinsecamente vinculadas a esse gênero.

Nesse sentido, os estudos sobre gêneros digitais, como o *blog*, desempenham um papel de extrema importância, pois proporcionam uma compreensão mais profunda das formas de expressão linguística na era digital. Ao explorar a transição do diário para o *blog*, estamos criando uma base sólida para futuras práticas pedagógicas. É importante destacar que os gêneros coexistem e que o diário não foi substituído pelo *blog*. Embora a escrita de diários tenha migrado em parte para o digital, essa prática ainda resiste. Muitas pessoas, cansadas do excesso de telas, têm retomado a escrita de diários convencionais.

A prática do diário remonta a milênios, quando os sumérios, uma das civilizações mais antigas conhecidas, utilizavam tábuas de argila, por volta de 3.000 a.C., para registrar uma ampla gama de informações, desde transações comerciais até eventos cotidianos (Kramer, 1963). Embora essas tábuas não correspondam diretamente aos diários pessoais modernos, representam um importante precursor do conceito de manter registros escritos regulares, uma prática que se desenvolveu ao longo dos séculos em várias culturas ao redor do mundo.

O diário pessoal é um meio fundamental para documentar experiências e reflexões ao longo dos dias, proporcionando uma profunda introspecção sobre a própria intimidade. Ao focar na exposição do "eu", permite ao indivíduo explorar seus sentimentos e pensamentos de maneira autêntica e íntima. A escrita pessoal reflete a contínua construção da identidade pessoal, permitindo ao diarista expressar diferentes facetas de sua personalidade através da palavra escrita.

Utilizando pronomes e verbos na primeira pessoa do singular, o diário cria um espaço íntimo que não apenas protege, mas também facilita uma expressão genuína do eu e de aspectos pessoais. É um recurso poderoso para preservar aspectos

fundamentais da identidade ao longo do tempo, oferecendo um registro autêntico e significativo das reflexões pessoais.

O gênero diário, como o conhecemos hoje, começou a se popularizar na Europa durante a Renascença, entre os séculos XV e XVI. Nessa época, indivíduos começaram a registrar suas experiências diárias, pensamentos e reflexões pessoais de maneira sistemática. Philippe Ariès e Georges Duby, em *A History of Private Life* (1987), detalham como o aumento da alfabetização e a valorização da vida privada contribuíram para essa popularização.

Rosa Meire Oliveira (2002) afirma que, originalmente, os diários tinham um caráter público e comunitário. Esses registros pessoais, longe de serem confidenciais, serviam como uma forma de comunicação e compartilhamento de experiências e conhecimentos entre os membros da comunidade. As anotações nos diários funcionavam como crônicas cotidianas, documentando eventos importantes, práticas culturais e valores coletivos. Esse caráter público dos diários enfatizava a coesão social e a transmissão de saberes, refletindo uma sociedade em que a memória e a história eram construídas coletivamente. Assim, o ato de escrever um diário ia além da introspecção individual, contribuindo para a formação e a preservação da identidade comunitária.

Conforme Oliveira (2002, p.18), “o caráter privado do diarismo [...] aparece pela primeira vez no século X, no Japão, com os *pillow books* [livros de cabeceira] das mulheres da corte”. São registros íntimos que combinam observações pessoais, reflexões e anedotas do cotidiano. Esses textos oferecem uma visão única e detalhada da vida privada e das convenções sociais da época, destacando a importância da escrita como uma ferramenta de expressão pessoal e documentação histórica. A autora argumenta que esses diários não eram destinados ao público geral, mas sim a um círculo restrito, o que reforça seu caráter privado.

Essa prática de diarismo, centrada na escrita de si e na documentação das experiências pessoais, evoluiu ao longo dos séculos, tornando-se uma ferramenta essencial para o autoconhecimento e a preservação da memória individual. Os *pillowbooks* da era Heian representam uma forma precoce de autobiografia, na qual o indivíduo começa a se perceber como um sujeito digno de ser narrado, embora dentro

de um contexto cultural específico que valorizava a introspecção e a estética literária (Oliveira, 2002, p. 18).

Na história dos diários, tanto no Oriente (Japão) quanto no Ocidente, este vai se inserir de forma “pública ou privada, comunitária ou individual, a depender do tipo de função que o diário vai exercer para aquela comunidade ou indivíduo (OLIVEIRA, 2002, p. 18). Oliveira argumenta que essa evolução da função dos diários está intimamente ligada às mudanças sociais e culturais de cada período e região. "A prática do diarismo, seja como um registro privado ou como uma forma de comunicação comunitária, sempre esteve adaptada às necessidades e contextos específicos das sociedades em que foi praticada" (Oliveira, 2002, p. 45).

Segundo Sibilia (2003), a escrita de si tornou-se uma prática habitual, que arrastou homens, mulheres e crianças. Sendo assim, proliferou um novo hábito: a criação de ambientes íntimos e privados, onde o sujeito moderno podia mergulhar em sua vida interior.

Além do diário íntimo, outras classificações de diários surgiram. O pesquisador inglês Robert A. Fothergill identificou quatro formas precursoras dos diários íntimos, denominadas como "proto" ou "pré-diários". Essas formas incluem: “diários públicos, diários de viagem, diários de registro pessoal – análogos aos livros comunitários (*commonplacebooks*) – e diários de consciência ou espirituais” (OLIVEIRA, 2002, p. 30).

Na obra "*O Show do Eu: A intimidade como espetáculo*", publicada em 2003, Paula Sibilia discute a evolução dos relatos autobiográficos. Ela afirma que, nas últimas décadas do século XX, a prática do diário íntimo parecia estar em declínio, com a sua morte anunciada e confirmada. No entanto, Sibilia observa que houve um ressurgimento surpreendente dessa prática nos ambientes virtuais, especialmente através dos *blogs* confessionais.

Komesu observa que “quem escreve sobre si, para narrar acontecimentos íntimos, insere-se na prática diarista” e que é possível “identificar traços do gênero diário na constituição dos *blogs*” (KOMESU, 2004, p. 3). A afirmação de Komesu sublinha a continuidade entre os diários tradicionais e os *blogs* modernos, destacando como ambos servem como meios para a autorreflexão e a documentação da vida pessoal.

Com a chegada dos *blogs* no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, plataformas como *Blogger* (lançada em 1999) e *WordPress* (lançada em 2003)

facilitaram ainda mais a criação e manutenção de diários *online*. Batista (2010) argumenta que os *blogs* confessionais contribuíram para o renascimento e o fortalecimento da escrita de si, que era fortemente marcada pela profusão de diários intimistas no século XIX. Ela sugere que a transição para o ambiente digital revitalizou essa forma de expressão pessoal, permitindo uma nova dinâmica de interação e compartilhamento.

Essa mudança não implica a substituição do diário pelo *blog*, nem um avanço qualitativo do gênero original, mas sim a transformação de um gênero em outro. Essa evolução não representa um abandono dos diários tradicionais, mas uma adaptação às novas tecnologias e contextos sociais. Os *blogs* confessionais são uma extensão natural da prática diarista, mantendo a essência da escrita pessoal enquanto incorporam novas possibilidades de interação e compartilhamento proporcionadas pelo ambiente digital.

Ambos os gêneros funcionam como ferramentas para a autorreflexão e o autoconhecimento, permitindo que os indivíduos registrem suas experiências, sentimentos e pensamentos, promovendo uma melhor compreensão de si mesmos. Tanto os diários quanto os *blogs* contribuem para a construção da identidade pessoal, ajudando os autores a desenvolverem uma narrativa coerente e a identificarem mudanças e padrões em seus comportamentos e sentimentos. Além disso, ambos os formatos servem como registros detalhados das experiências pessoais, preservando memórias e oferecendo uma visão cronológica da vida do autor.

No entanto, há diferenças significativas entre os dois. Os diários íntimos são tradicionalmente escritos para um público privado, muitas vezes apenas para o autor, sendo confidenciais e pessoais, sem a intenção de serem compartilhados publicamente. Em contraste, os *blogs* confessionais, embora possam conter conteúdo pessoal, são geralmente destinados a um público mais amplo, permitindo interações com leitores e ampliando o alcance e a influência do *blog*. Os objetivos e finalidades também diferem: enquanto os diários íntimos visam principalmente a introspecção e a expressão pessoal, os *blogs* confessionais, além de introspecção, são frequentemente usados para construir uma audiência, promover ideias, produtos ou serviços, e criar uma presença *online*, servindo como ferramentas de marketing digital, e outros objetivos.

Além disso, o formato e a estrutura dos dois gêneros variam. Os diários íntimos geralmente são escritos à mão ou em formatos off-line, sem uma estrutura rígida, com conteúdo espontâneo e livre. Os *blogs* confessionais, por outro lado, são escritos em plataformas digitais, muitas vezes com uma estrutura definida, incluindo títulos, *tags* e categorias, em que a apresentação visual é importante e o conteúdo pode ser otimizado para atrair mais leitores.

Este estudo permite compreender como as mudanças tecnológicas e sociais influenciaram a maneira como as pessoas se expressam e registram suas experiências pessoais ao longo do tempo. Ao analisar a evolução dos *blogs*, destacando os aspectos sociorretóricos, os educadores podem obter informações valiosas sobre como diferentes contextos culturais e sociais moldam a forma e a função dos textos. Isso pode ajudar na elaboração de estratégias de ensino que considerem a diversidade cultural e as mudanças históricas, promovendo uma abordagem mais inclusiva e contextualizada para o ensino da escrita. A relevância pedagógica desta pesquisa reside na capacidade de conectar o passado ao presente, proporcionando uma compreensão profunda da evolução dos gêneros textuais e suas implicações sociais

Considerando esse contexto, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão norteadora: Como as influências e demandas sociais contribuíram para o surgimento do *blog* e suas ramificações? A evolução dos *blogs* está intrinsecamente ligada às transformações sociais e tecnológicas das últimas décadas. Desde suas origens como diários pessoais na internet até plataformas multifacetadas de comunicação e compartilhamento, os *blogs* refletem não apenas uma mudança na forma como as pessoas se expressam, mas também nas maneiras como interagem, consomem informação e constroem identidades *online*. Essa investigação busca explorar as raízes culturais e as motivações por trás do fenômeno dos *blogs*, examinando como essas plataformas se adaptaram e influenciaram os contextos sociais em que surgiram.

Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo geral investigar a trajetória evolutiva do gênero *blog*, destacando os elementos sociorretóricos e linguísticos. Como objetivos específicos, listamos: 1) Contextualizar o surgimento do *blog*; 2) Examinar as transformações ocorridas no gênero *blog* ao longo do tempo; 3) Analisar de que maneira as demandas e necessidades da sociedade contribuíram para as evoluções no gênero;

4) Discutir as derivações e variações do gênero *blog* que emergiram a partir dessa evolução.

Ao examinar esses aspectos, a pesquisa busca não apenas documentar a evolução do *blog* como forma de expressão digital, mas também entender como ele se tornou um meio significativo de construção de identidade e interação social na era digital. A análise das ramificações do gênero *blog* permitirá explorar não apenas suas influências culturais e sociais, mas também suas implicações para a comunicação contemporânea e a produção de conteúdo *online*. Dessa forma, o estudo não se limita a uma análise histórica, mas visa também à compreensão das dinâmicas atuais e futuras dessas plataformas no contexto da sociedade digital.

Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica da literatura, na perspectiva diacrônica, observando os fatores sociais, culturais e históricos que favoreceram o desenvolvimento do blog e suas ramificações, como *vlogs*, *audioblogs* e *microblogging*. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A revisão bibliográfica serve para proporcionar ao pesquisador uma visão geral sobre o que já foi estudado acerca de determinado tema, identificando lacunas e oportunidades para novas investigações. Além disso, essa metodologia permite uma compreensão aprofundada do estado da arte de um campo de estudo, essencial para a fundamentação teórica de qualquer pesquisa. Ademais, a abordagem diacrônica permite analisar a evolução do blog ao longo do tempo, identificando mudanças significativas e os contextos que as influenciaram.

A coleta de dados foi realizada através do Google Acadêmico, utilizando as seguintes palavras-chave: surgimento do blog, evolução, escrita pessoal, subgêneros, esfera pública e privada. Os primeiros 10 resultados de cada busca foram selecionados para análise, incluindo artigos científicos, livros, teses e dissertações. Foi dada prioridade a documentos em língua portuguesa, mas também foram incluídos materiais em inglês e espanhol, com a devida tradução e interpretação dos conteúdos.

A análise dos dados seguiu os seguintes passos: leitura e síntese dos materiais selecionados, identificação e categorização das informações relevantes, comparação dos dados para identificar padrões e diferenças ao longo do tempo, e síntese das

informações para elaboração do trabalho final. Os resultados foram organizados cronologicamente, permitindo o acompanhamento da evolução sócio-histórica do *blog* desde seu surgimento até os dias atuais, incluindo o desenvolvimento de subgêneros como *vlogs*, *audioblogs* e *microblogs*.

A pesquisa foi estruturada em cinco partes distintas. A primeira parte, intitulada "Aproximação entre as Esferas Pública e Privada", explora recortes históricos relacionados à noção de intimidade e privacidade, investigando como essas esferas têm se distinguido ou aproximado ao longo do tempo, apresentando as contribuições de Sennett (1988) e Arendt (2008), como fontes principais. Serão destacados aspectos como exposição pessoal e fenômenos sociais que influenciaram essas divisões. Além disso, será introduzida uma análise sobre a escrita pessoal e a teoria do voyeurismo, explorando como esses elementos têm moldado a forma como indivíduos compartilham suas vidas e experiências em determinados gêneros textuais, como por exemplo, o *blog* e o diário.

A segunda parte do trabalho, intitulada "Do Diário ao *Blog*: Necessidades do Novo Padrão de Sociedade", explora de maneira mais profunda o percurso evolucionário do diário até o gênero *blog*. Esta seção não apenas destaca a evolução dos meios de comunicação, mas também a transição na constituição do *blog*, originalmente utilizado como um diário pessoal, que posteriormente incorporou diversas outras funções, tendo, como contribuições principais, os seguintes autores: Paiva (2004); Laborda (2005); Brejo (2021); Bazerman (2020) e Monçale, Gomes e Arruda (2015). Nesse sentido, será abordada a origem do termo "*blog*" e os diversos fatores que contribuíram para sua transformação ao longo do tempo, refletindo as novas necessidades e dinâmicas sociais emergentes na era digital. Além disso, serão demonstradas as mudanças nos layouts e apresentados exemplos do gênero, ilustrando como essas evoluções influenciaram a apresentação visual e estrutural das plataformas.

Na terceira parte, intitulada "Gêneros Textuais Emergentes: Fenômenos Sociais", será aprofundado o entendimento sobre as noções de gêneros textuais, trazendo contribuições teóricas de Bakhtin (2003) e Marcuschi (2002) para contextualizar esses conceitos. Esta seção também abordará a legitimidade dos diálogos em plataformas digitais, explorando como os *blogs* enfrentaram desafios, conforme

discutido por Barros (2019), devido à crescente concorrência com outras formas de comunicação *online*, especialmente as redes sociais.

Na quarta parte, intitulada “Variantes do *Blog*: *Vlog* e *Audioblog*”, será explorado o universo dos subgêneros do *blog*, com um enfoque na multimodalidade. Serão apresentadas alternativas que incorporam vídeo (*vlog*) e áudio (*audioblog*), discutindo também a origem e a constituição dos termos *vlog* e *audioblog*. Quanto ao *vlog*, serão consideradas as contribuições de Dionisio (2005), Rojo e Barbosa (2015), e Leite (2019). Já o *audioblog* será discutido com base nas pesquisas de Huann e Thong (2006), Tan e Tan (2010), e Felix e Stolarz (2013), que exploram como esses formatos têm influenciado a comunicação digital contemporânea.

E por fim, na última parte, intitulada “*Microblogging*: X”, exploraremos o surgimento de redes sociais que se concentram na comunicação breve, uma resposta à crescente falta de tempo nas relações contemporâneas. Essas plataformas, como o X (antigo *Twitter*), permitem que os usuários compartilhem pensamentos, notícias e atualizações em tempo real, utilizando mensagens curtas e objetivas. Para enriquecer nossa análise, incorporaremos as contribuições de Silveira (2010), que discute a evolução das redes sociais, Komesu (2010), que foca nas dinâmicas de interação, De Haro (2010), que analisa o impacto social dessas plataformas, e Orihuela (2007), que examina as mudanças na comunicação digital. Logo abaixo, é apresentado um quadro com os principais autores na elaboração dessa pesquisa:

Quadro 1 – Referencial teórico

Subtítulos	Autor(es)
<u>Aproximação entre as Esferas Pública e Privada</u>	Sennett (1988) e Arendt (2008)
<u>Do Diário ao Blog: Necessidades do Novo Padrão de Sociedade</u>	Paiva (2004) Laborda (2005); Brejo (2021); Bazerman (2020) e Moncale, Gomes e Arruda (2015).
<u>Gêneros Textuais Emergentes: Fenômenos Sociais</u>	Bakhtin (2002) Marcuschi (2002) e Barros (2019)
<u>Variantes do Blog: Vlog e Audioblog</u>	Dionisio (2005), Rojo e Barbosa (2015), e Leite (2019); Huann e Thong (2006), Tan e Tan (2010).
<u>Microblogging: X</u>	Silveira (2010); Komesu (2010) ; Haro (2010); Orihuela (2007).

Fonte: Elaborada pelo autor do texto

2. Referencial teórico

Para abordar os aspectos delineados por este estudo, é essencial iniciar com uma investigação aprofundada sobre alguns elementos que contribuíram para as transformações no gênero textual diário, culminando no surgimento “do *blog* e de suas variantes”, como o *vlog* e o *audioblog*.

2.1 Aproximação entre as esferas pública e privada

O conceito binário de público e privado transcende culturas e eras, revelando-se como uma construção profundamente enraizada na interação humana com o mundo ao seu redor. No entanto, sua matriz e limites evoluíram ao longo dos tempos e foram moldados por fatores históricos, sociais e culturais.

Para contextualizar as esferas pública e privada, podemos recorrer a Hannah Arendt (2007) em seu livro “A Condição Humana”. No segundo capítulo, ela explora a gênese dessas esferas, oferecendo uma análise profunda sobre sua evolução e significado na sociedade. A autora distingue claramente entre essas esferas, explicando que a esfera privada estava inicialmente limitada a “esfera da polis e à esfera do lar, da família”. Isso significa que a esfera privada abrangia a vida doméstica e as relações familiares, contrastando com a esfera pública, que englobava “relativas a um mundo comum e aquelas relativas à manutenção da vida”. Arendt argumenta que essa divisão era a base do antigo pensamento político, refletindo como as funções e as atividades humanas foram historicamente organizadas e entendidas nas sociedades antigas

De acordo com Arendt, a vida privada estava diretamente ligada ao trabalho, sendo essencial para a sobrevivência. O trabalho, nesse sentido, refere-se às atividades necessárias para a manutenção da vida e à satisfação das necessidades básicas. Em contraste, a obra representa um aspecto diferente da vida ativa: é uma atividade que “abre caminhos” e cria condições para o trabalho, gerando o conceito de “mundanidade”. A obra envolve a criação de ferramentas e estruturas que permanecem no mundo, contribuindo para a construção de um espaço comum e duradouro.

Dando continuidade, temos Richard Sennett (1988), que foi aluno de Hannah Arendt, e que oferece uma visão penetrante sobre o processo de separação entre o

público e o privado ao explorar 'O Declínio do Homem Público', destacando especialmente a transição do século XVIII para o XIX.

Na Europa do século XVIII, o surgimento da burguesia trouxe consigo a necessidade de resguardar-se dos perigos do espaço público, culminando na definição mais nítida entre essas duas esferas. Essa divisão não foi uma transição simples e linear, mas sim uma complexa interação entre forças sociais e individuais.

O conceito de "público" evoluiu para abarcar uma esfera mais ampla da vida social, na qual a interação entre diferentes grupos sociais se tornou mais comum e aceita. Essa transformação não apenas redefiniu o significado de estar "em público", mas também refletiu uma sociedade em crescente complexidade e diversidade. Dessa forma, o estudo das palavras "público" e "privado" revela mudanças profundas na maneira como as pessoas se relacionam e se percebem dentro do tecido social. Sennet pontua:

O sentido de quem era 'público' e de onde se estava quando se saía 'em público' ampliou-se no início do século XVIII, tanto em Paris quanto em Londres. Os burgueses passaram a se preocupar menos em encobrir suas origens sociais, uma vez que havia um número muito maior de burgueses. As cidades onde moravam estavam se tornando um mundo em que grupos muito diversos estavam entrando em contato na sociedade. Na época em que a palavra 'público' já havia adquirido o seu significado moderno, portanto, ela significava não apenas uma região da vida social localizada em separado do âmbito da família e dos amigos íntimos, mas também que esse domínio público dos conhecidos e dos estranhos incluía uma diversidade relativamente grande de pessoas."(SENNETT, 2015, p.31).

Sennett (2015) argumenta que a trajetória das palavras "público" e "privado" é crucial para entender a transformação da cultura ocidental. Segundo ele, "as primeiras ocorrências da palavra 'público' em inglês identificam o 'público' como o bem comum na sociedade". Para ilustrar essa citação, Sennett utiliza o exemplo da afirmação: "Malory falou do imperador Lucius '(...) ditador ou procurador do bem público em Roma'" (Sennett, 2015, p. 30), demonstrando o uso da palavra "público" no sentido de "bem comum". Todavia, setenta anos mais tarde, conforme ele, "havia-se acrescentado ao sentido de público aquilo que é manifesto e está aberto à observação geral". Posteriormente, como ele afirma:

Perto do século XVII a oposição entre "público" e "privado" era matizada de modo mais semelhante ao de seu uso atual. "Público" significava aberto a observação de qualquer pessoa, enquanto "privado" significava uma região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos. (SENNETT, 2015, p.30).

Contrapondo esse contexto, Witold Rybczynski (1989), em seu livro *"La casa: historia de una idea"* oferece uma visão da Idade Média, em que a distinção entre público e privado era menos rígida. A crescente valorização da intimidade e a proteção da família deram origem à separação gradual do mundo exterior, solidificando a casa como um refúgio privado. Esse desenvolvimento intrincado reflete a constante busca da sociedade por equilíbrio entre exposição e proteção.

Segundo Hunt (2009), a dicotomia entre o público e o privado também permeava o cenário político, surgindo, por volta do século XIX, em algumas cidades, a necessidade de realizar reuniões "ao público". Tais encontros visavam proporcionar maior transparência nas discussões acerca de pautas de interesse da sociedade.

A vida privada era considerada inapropriada para exposição pública, como aponta Lima (1986). Esse pensamento reflete a ideia de que, em certas culturas ou períodos históricos, a esfera pessoal era vista como algo que não deveria ser discutido em público. Isso sugere que assuntos pessoais, como relacionamentos, questões familiares e comportamentos individuais, eram considerados irrelevantes ou inadequados para serem debatidos em âmbito público.

Hannah Arendt (2008), filósofa e pensadora política, argumenta que o público e o privado não são duas esferas completamente separadas e opostas, mas estão intimamente ligados e interdependentes. Quando algo se torna público, adquire uma espécie de realidade, tornando-se parte do mundo compartilhado por todos, a interação e a comunicação com os outros são fundamentais para a construção da realidade compartilhada e para a nossa própria compreensão de quem somos.

Conforme a pesquisadora, esse processo "intensifica e enriquece grandemente toda a escala de emoções subjetivas e sentimentos privados, esta intensificação sempre ocorre à custa da garantia da realidade do mundo e dos homens" (ARENDT, 2008, p. 60), ou seja, quando compartilhamos nossos sentimentos e emoções com os outros, isso

pode tornar esses sentimentos mais profundos e significativos para nós, porque eles são reconhecidos e validados pelos outros.

Durante os estágios iniciais da era moderna, havia uma clara distinção entre as esferas pública e privada. A esfera pública era o domínio da ação política e do discurso, enquanto a esfera privada estava relacionada à vida doméstica e às necessidades pessoais. No entanto, com o avanço da modernidade, essa distinção começou a se diluir. Arendt argumenta que a ascensão da sociedade de massas e a ênfase nas necessidades econômicas e sociais levaram à fusão dessas duas esferas em uma única esfera social. Isso resultou na perda do espaço público autônomo e na transformação da esfera privada em algo cada vez mais voltado para a intimidade pessoal e distante das questões políticas e coletivas. Como pontua:

[...] sabemos que a contradição entre privado e o público, típica dos estágios iniciais da era moderna foi um fenômeno temporário que trouxe a completa extinção da própria diferença entre as esferas pública e privada, e a submersão de ambas na esfera do social” (2004,p. 79)

Arendt argumenta que, historicamente, havia uma distinção clara entre o espaço privado, associado ao lar e à vida pessoal, e o espaço público, relacionado à política e à vida comunitária. Com a modernidade, essa divisão começou a se desfazer. As atividades e preocupações domésticas passaram a ter relevância pública, enquanto o espaço público político tradicional perdeu sua importância e foi redefinido.

Essa mudança alterou não só a definição de "privado" e "público", mas também sua importância para os indivíduos. O que antes era considerado essencialmente privado ou público se transformou em algo diferente e menos reconhecível. Na sociedade moderna, as esferas se entrelaçam, criando uma nova dinâmica onde a privacidade e a política se influenciam mutuamente de maneira mais complexa. Este fenômeno reflete a perda de um espaço público verdadeiramente político e a redefinição do privado como uma esfera de intimidade que, de certa forma, se esvaiu para o domínio público. Consoante a pesquisadora:

A passagem da sociedade [...] do sombrio interior do lar para a luz da esfera pública não apenas diluiu a antiga divisão entre o privado e o político, mas também alterou o significado dos dois termos e a sua importância para a vida do indivíduo e do cidadão, ao ponto de torná-los quase irreconhecíveis. (ARENDT, 2005, p. 47)

Arendt observa que, anteriormente, a privacidade era vista como uma condição de ausência de algo essencial, como a participação nas atividades públicas e políticas, o que privava o indivíduo de certas capacidades humanas superiores. No entanto, com o enriquecimento da esfera privada pelo individualismo, a percepção de privação desapareceu, e a privacidade passou a ser valorizada de uma maneira diferente, não mais ligada à ideia de falta, mas como uma dimensão enriquecida da vida individual. Ela destaca:

[...] literalmente um estado no qual o indivíduo se privava de alguma coisa, até mesmo das mais altas e mais humanas capacidades do homem. [...] Hoje não nos ocorre, de pronto, esse aspecto de privação quando empregamos a palavra “privacidade”; e isto, em parte, se deve ao enorme enriquecimento da esfera privada através do moderno individualismo. (ARENDT, 2005, p. 48).

No livro, “A condição Humana”, no início do subcapítulo intitulado “A Esfera Pública: o Comum” a autora apresenta 2 aspectos para o termo público, tendo o primeiro como “tudo que pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade” (ARENDT, 2007, p. 59). E o segundo aspecto:

Significa o próprio mundo na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele”. E continua: [...] tem a ver com o artefato humano, com o produto das mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos, habitam o mundo feito pelo homem. Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens (ARENDT, 2007, p. 64).

Arendt, ao destacar esses dois aspectos do termo “público”, nos convida a refletir sobre a dualidade inerente à nossa experiência coletiva. O primeiro aspecto enfatizou a dimensão da visibilidade e da percepção compartilhada, evidenciando que aquilo que é exposto aos olhos e ouvidos de todos ganha uma realidade tangível e coletiva. Essa exposição pública é essencial para a formação de uma esfera onde as ações e discursos dos indivíduos se tornam parte de um tecido comum, influenciando e sendo influenciados pela coletividade.

O segundo aspecto do público, conforme Arendt, trata da estrutura física e material que sustenta nossa convivência. Esse mundo comum é constituído pelos artistas e pelas obras humanas que, ao serem compartilhados, criam um espaço de interação e intermediação entre as pessoas. Assim como uma mesa ao redor de como as pessoas se

reúnem, o mundo material que habitamos estabelece tanto uma separação quanto uma conexão entre os indivíduos. Ele cria um espaço onde as relações humanas podem se desenvolver, permitindo que os indivíduos interajam e, ao mesmo tempo, mantenham suas.

Contrastando com essa ideia, ela afirma que:

[...] Para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação <objetiva> com eles, decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida (ARENDT, 2007, p.68).

Segundo Arendt, a privacidade extrema privada do indivíduo da realidade que surge do ser visto e ouvido por outros, o que é crucial para a formação de uma identidade e não presença. Além disso, essa privação corta a relação objetiva com os outros, que é mediada por um mundo comum de coisas que tanto conectam quanto separam as pessoas. Por fim, viver em isolamento impede a realização de algo que transcenda a própria vida, algo que possa deixar uma marca de rigidez no mundo e na memória coletiva.

Dessa forma, Arendt destacou a importância vital da esfera pública não apenas como um espaço de visibilidade, mas como um meio de existência significativa e realização pessoal. Sem essa interação e conexão com o mundo comum e com os outros, o indivíduo perde uma parte crucial de sua humanidade, permanecendo limitado a uma existência efêmera e isolada. (ARENDT, 2007, p. 68).

Por meio de outra perspectiva, as noções públicas e privadas foram mudando ao decorrer dos anos, com o surgimento das duas Guerras Mundiais – Primeira e Segunda – houve um avanço tecnológico extraordinário. Conforme Diniz (2012, p. 20), “Com o tempo, o número de intelectuais partilhando dessas ideias ampliou-se. É certo que houve motivos para tanto, notadamente em razão das duas guerras mundiais, tão atreladas à ideia de progresso”. Esse progresso, de certa forma, pode incluir a emergência de novos meios de comunicação e uma urbanização intensa, com muitas pessoas se mudando para os grandes centros urbanos. Essa nova realidade facilitou a comunicação e a proximidade entre indivíduos na comunidade de maneira imediata e constante, levando a uma preocupação crescente com a proteção da privacidade.

Conforme Hannah Arendt (2007, p.55):

Desde o advento da sociedade, desde a admissão das atividades caseiras e da economia doméstica à esfera pública, a nova esfera tem-se caracterizado principalmente por uma irresistível tendência de crescer, de devorar as esferas mais antigas do político e do privado, bem como a esfera mais recente da intimidade.

A intimidade, que anteriormente era mantida principalmente pelo estágio da evolução social, começou a ser ameaçada pelos avanços tecnológicos decorrentes dos esforços de guerra. Novos dispositivos, como binóculos de longo alcance, microfones e a televisão, começaram a invadir a esfera privada (PÉREZ- LUNO, 1995, p. 335-345).

Os avanços tecnológicos geraram inúmeras preocupações entre as pessoas, que se sentiram ameaçadas em sua individualidade e privacidade. No entanto, essa situação era apenas o início de uma nova era. Com o passar das décadas, o fenômeno da globalização surgiu, promovendo a aproximação entre diferentes Estados e povos e a derrubada de barreiras ideológicas e sociais. Nesse contexto, a esfera pública, seguida pela esfera social, tornou-se predominante, enquanto a esfera privada e a intimidade começaram a perder espaço, resultando na diluição e confusão de suas fronteiras (AGOSTINI, 2011, p. 98-99).

Conforme Anderson Schreiber destaca, a tutela da privacidade evoluiu em resposta aos avanços industriais e tecnológicos, especialmente a partir da década de 1960, quando o fluxo de dados começou a se multiplicar significativamente na sociedade contemporânea. De acordo com ele:

O desenvolvimento tecnológico e a consequente multiplicação de mecanismos para recolher, armazenar, processar e utilizar a informação, na esteira da massificação das relações contratuais, acabam por estimular um aumento exponencial do fluxo de dados na sociedade contemporânea (2013, p. 146).

Com a evolução das tecnologias de comunicação, as interações sociais mudaram significativamente. As plataformas digitais permitem que as pessoas se conectem e compartilhem informações instantaneamente, independentemente da localização física. Essa capacidade de comunicação remota desafia as noções tradicionais de espaço público, onde a interação direta e presencial era essencial. Thompson destaca:

Precisamos repensar o significado do 'caráter público' hoje, num mundo permeado por novas formas de comunicação e de difusão de informações, no qual os indivíduos são capazes de interagir com outros e observar pessoas e eventos sem sequer os encontrar no mesmo ambiente espaço-temporal. (THOMPSON, 2005, p. 72).

É amplamente reconhecido que as mudanças nas esferas públicas e privadas representam uma característica distintiva da sociedade contemporânea. Essas transformações desempenham um papel significativo no afastamento dos padrões tradicionais da modernidade. O modo como as interações ocorrem no âmbito público e privado tem evoluído, refletindo assim as complexidades e dinâmicas da sociedade. Esse processo vem influenciando a maneira como as pessoas se relacionam, compartilham informações e constroem suas identidades (cf. Habermas, 1984; Sennet, 1988).

Consoante ao que é destacado por Bucci e Kehl (2004), as tecnologias de comunicação desempenham um papel fundamental nas sociedades contemporâneas, a ponto de a mídia de massa ser considerada o próprio espaço público. A esfera pública midiática tornou-se uma parte intrínseca do nosso cotidiano, entregue diariamente em nossas casas. Assim, aquilo que é considerado relevante para a sociedade muitas vezes é moldado e transmitido através desses canais de comunicação em massa.

Essa complexidade também é abordada por Philip Roth em sua obra "Trilogia Americana". Roth destaca a natureza hipócrita da sociedade, especialmente ao referir-se aos eventos de 1998 nos Estados Unidos. Ele afirma: "Se você não viveu 1998, você não sabe o que é santimônia" (ROTH, 2014, p. 8). O clima daquele período foi caracterizado pela espetacularização da vida privada de figuras públicas, como o escândalo envolvendo Bill Clinton. Esse episódio evidencia a preferência nacional por questões de caráter pessoal em detrimento de questões de interesse público, refletindo a tensão constante entre o público e o privado na sociedade contemporânea.

Naquele contexto, ocorreu um enfraquecimento dessas fronteiras, o que foi amplamente influenciado por esse incidente. O então presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, se envolveu em um caso extraconjugal com uma estagiária da Casa Branca, uma mulher jovem de apenas 22 anos. Esse evento foi notavelmente diferente da norma da época, quando tais casos eram frequentemente mantidos em sigilo. A divulgação pública dessa situação chocou a sociedade e marcou como assuntos pessoais eram percebidos, dando origem a uma tendência que foi denominada de "democratização de celebridade" Stark (apud MILLER, 2009, p. 66).

Além da tendência de "democratização de celebridades," esses eventos, que promovem esse tipo de exposição e também envolvem a distinção entre público e

privado, podem ser interpretados à luz da teoria do voyeurismo. De acordo com da Silva (2018), ao discutir voyeurismo e exibicionismo, afirma que:

Eles possuem diversas formas de expressão que variam desde as mais diretamente focadas na sexualidade, até aquelas mais sutis representadas pela exibição e observação de fatos corriqueiros da intimidade, sejam relativos às celebridades ou às pessoas comuns. O fato é de que o interesse pela intimidade relacionado às pessoas comuns tem crescido muito na atualidade e como já foi dito, favorecido fundamentalmente pela difusão das redes sociais". (DA SILVA, 2018, n.p).

Como da Silva (2018) aponta, esse fenômeno é fundamentalmente favorecido pela crescente curiosidade sobre a vida privada dos outros, revelando um profundo aspecto da natureza humana, que envolve a observação de aspectos diários da vida íntima, seja de celebridades ou de pessoas comuns. Como ainda pontua da Silva:

A proliferação de programas reality shows e de revistas mostrando a intimidade de pessoas famosas fornecia fortes indícios sobre a expansão dos fenômenos voyeurismo e exibicionismo para outras áreas, não exclusivamente sexuais. Um elemento fundamental observado nessas produções é quanto ao fato de o objeto do voyeur, no caso o exibicionista, ter consciência e consentir com as observações. Se tempos atrás, a nudez, o sexo e outras questões da intimidade não faziam parte do terreno público, hoje, apropriadas pela indústria cultural, converteram-se em mais um dos inúmeros focos de exploração comercial (DA SILVA, 2018, n.p).

Voyeurismo é um termo de origem francesa cujo significado etimológico teve uma variação significativa ao longo da história. Originalmente, "voyeur" significava literalmente "o que vê". Em 1740, o termo era usado para se referir a uma "pessoa que assiste a algo por curiosidade". No entanto, em 1883, o significado evoluiu para descrever uma "pessoa que se excita ao ver a nudez ou o ato sexual de outrem". Essa evolução semântica reflete uma mudança na percepção e na conotação do termo ao longo do tempo, passando de uma curiosidade geral para um comportamento específico relacionado à excitação sexual (Houaiss & Villar, 2001).

Para finalizar, a globalização, com seu efeito de conectar diferentes culturas e economias, intensificou a sobreposição entre público e privado. Tecnologias emergentes e a expansão das comunicações digitais permitiram que informações pessoais fossem compartilhadas e acessadas em escala global, borrando ainda mais as fronteiras entre essas esferas. Isso gerou uma nova dinâmica social, onde a privacidade é constantemente negociada e redefinida.

A esfera social, intermediária entre o público e o privado, também se expandiu significativamente. As plataformas digitais criaram espaços onde aspectos da vida pessoal são expostos a um público mais amplo, muitas vezes voluntariamente. Esse fenômeno trouxe à tona questões sobre a preservação da privacidade e o papel das tecnologias na vida cotidiana.

A questão do voyeurismo também se destaca nesse contexto. A curiosidade pela vida íntima alheia, amplificada pela mídia e pela internet, transformou-se em um aspecto notável da cultura contemporânea. Programas de televisão, redes sociais e outras formas de mídia incentivam a exposição e a observação da vida privada, alimentando uma indústria baseada na curiosidade e no desejo de acesso à intimidade alheia.

Portanto, a aproximação entre as esferas pública e privada é um reflexo das mudanças profundas na sociedade moderna. A interação entre essas esferas, mediada pela globalização e pelas tecnologias de comunicação, criou um ambiente onde a privacidade é constantemente desafiada e reconfigurada. Ao mesmo tempo, essa interconexão promove uma maior transparência e um debate mais amplo sobre as questões sociais e políticas, redefinindo o que significa ser parte de uma comunidade global. Essa complexa interdependência das esferas pública, privada e social continuará a evoluir, moldando o futuro das interações humanas e das estruturas sociais.

A mudança na percepção de público e privado se refletiu na transformação dos gêneros textuais também. A escrita pessoal, que se expressava de várias formas, como nos diários, também passou por modificações. A linha entre o que é compartilhado e o que é mantido em reserva foi redefinida à medida que a sociedade evoluiu (Foucault, 2006).

Consoante De Andrade (2000, p. 230), "As questões de invasão da vida privada e cotidiana estão influenciadas pelas novas tendências da sociedade". Esta afirmação destaca como as mudanças socioculturais modernas têm impactado a privacidade individual. Ao abordar o tema da intimidade, é relevante considerar a observação de Henrique (2005, p. 285): "Por muito tempo, duvidou-se da possibilidade de se penetrar na história íntima dos brasileiros de séculos passados através da leitura de seus diários."

Essa citação sublinha a importância dos diários como fontes valiosas para compreender as experiências pessoais e a vida privada de épocas passadas, contrastando com as tendências contemporâneas de exposição e compartilhamento de informações pessoais.

Todavia, como Elgebaly (2019, p. 334) afirma: "Em 1871, Dom Pedro II (1825-1891) visita o Egito e escreve o seu primeiro diário sobre esse país entre os dias 3 e 14 de novembro de 1871. Em 1876, Dom Pedro II retorna e escreve o segundo diário entre 11 de dezembro de 1876 e 6 de janeiro de 1877. " Esses documentos não apenas serviram para registrar suas experiências pessoais, mas também para compreender a relação entre o Egito e o Brasil, "produzindo um diário relatando a sua experiência de viagem e seus pensamentos sobre o país" (ELGEBALY, 2019, p. 346).

Segundo Ângela de Castro Gomes, citado por Henrique (2005), "cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tiveram autores e leitores" (GOMES, 2004, p. 8). A princípio, diário é algo que se escreve para ninguém ler, a não ser a própria pessoa que escreve. O diário é uma conversa consigo mesmo, cujos intermediários são o papel e a caneta (ou o tinteiro e a pena, ou o teclado). Entretanto, observa-se um certo "furo" nesse espaço de privacidade, tendo alguns diários como importantes fontes históricas, mesmo que, de acordo com Henrique (2005, p. 294) "a publicação de diários sempre gera polêmicas, posto que os mesmos são concebidos como documentos pessoais, aos quais o redator faz "confissões" que, supostamente, não faria em público."

Consoante a Violi (2008):

As novas mídias introduzem e possibilitam novos espaços para a publicação do privado que, ao menos aparentemente, parecem caminhar em sentido contrário. Um caso particularmente interessante nessa perspectiva é o incrível desenvolvimento de *blogs*, especialmente *blogs* pessoais, uma espécie de diários *online*, privados e públicos ao mesmo tempo. Em apenas alguns anos, o fenômeno atingiu dimensões impressionantes, com uma estimativa, talvez por padrão, de 60 ou 70 milhões de *blogs* ativos, e um crescimento de novos *blogs* que fica em 1,4 por segundo (VIOLI, 2008, p. 40).

A autora afirma que "O *blog*, mais do que um texto particular, é o resultado de uma prática particular, a do *blogging*". Na mesma linha de raciocínio, temos Boyd(2006); sua conclusão é que não existe uma definição coerente e unívoca de *blog* e que todas as formulações que procuram definir o *blog* em termos tradicionais (diário pessoal, jornal, etc.) são de natureza metafórica. Segundo Boyd, os utilizadores experienciam o

blogue essencialmente como uma prática: "um *blogue* é o que fazemos quando estamos a *blogar*."

Na gíria da Internet, "um *blogue* não é mais do que uma espécie de diário na *Web*" (VIOLI, 2009, p. 41). Essa comparação sugere que os *blogs* são plataformas pessoais onde os indivíduos podem compartilhar suas ideias, opiniões e experiências de maneira pública, semelhante ao ato de manter um diário tradicional.

Carolyn Miller, no capítulo do livro intitulado como "*Blogar como Ação Social: Uma Análise do Gênero Weblog*", destaca que a interpenetração entre o público e o privado desempenhou um papel crucial na transformação do gênero diário. Essa influência mútua levou a mudanças na forma como os indivíduos abordavam o diário, explorando questões mais pessoais, ao mesmo tempo em que permitiam uma interação mais ampla com o público.

Em síntese, a relação entre o público e o privado é dinâmica e moldada por uma interação constante entre fatores culturais, sociais e históricos. Essa dinâmica se reflete no desenvolvimento do gênero textual blog, à medida que a sociedade busca conciliar a necessidade de expressão individual com a preservação de um espaço íntimo, resultando em uma interação mais complexa e profunda entre o público e o privado.

Para dar prosseguimento ao texto, e após ter abordado as noções sobre as esferas pública e privada e seu impacto na escrita, é essencial aprofundar os estudos sobre a transformação do diário pessoal (físico) em blog, observando seu desenvolvimento ao longo do tempo. Essa análise deve levar em consideração as necessidades e mudanças sociais, culturais e tecnológicas que influenciaram essa evolução.

2.2 Do diário ao *blog*: necessidades do novo padrão de sociedade

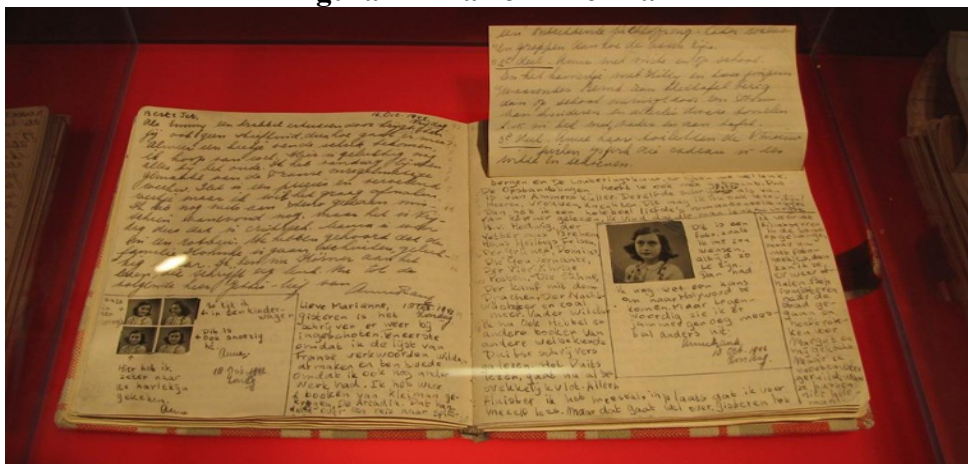
No contexto da evolução dos meios de comunicação, a transição do diário para o *blog* se destaca como uma resposta às necessidades emergentes na sociedade contemporânea. Paiva (2004) aborda, em sua pesquisa sobre gêneros textuais, a assincronia como um dos principais elementos transferidos pelos textos manuscritos em papel. No universo dos *blogs*, esse traço persiste, pois o ato de registrar experiências e pensamentos se dá de forma análoga ao diário, mas com o auxílio de ferramentas tecnológicas como computadores e *smartphones*. Ambos, o diário e o

blog, compartilham a característica de armazenar relatos assíncronos, permitindo o acesso a qualquer momento.

A transição do diário tradicional para o *blog* representa uma adaptação fundamental às demandas da sociedade contemporânea. Essa evolução não é apenas uma resposta à tecnologia, mas também um reflexo da profunda influência que a tecnologia exerce sobre como compartilhamos nossas experiências e nos envolvemos com informações de todo o mundo. No contexto em constante evolução da comunicação digital, a ascensão dos *blogs* como uma plataforma de expressão e interação ilustra de forma vívida como a tecnologia não apenas molda os meios de comunicação, mas também desencadeia mudanças profundas nas dinâmicas sociais e nas formas de participação ativa na esfera pública.

O diário pessoal, tradicionalmente um espaço íntimo no qual indivíduos registram seus pensamentos, sentimentos e eventos cotidianos, tem sido uma prática valiosa para a expressão e reflexão pessoal ao longo dos séculos. Exemplos clássicos de diários incluem os registros de Anne Frank e Samuel Pepys, que não só oferecem uma janela para a vida de seus autores, mas também fornecem valiosos contextos históricos.

Figura 1 - Diário Anne Frank



Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/literatura/publicacao-on-line-do-diario-de-anne-frank-e-alvo-de-polemica-bcz1flulcjrxyuyj4o9u9np6/>

Anne Frank deixou para a humanidade um tesouro inestimável de memórias biográficas e relatos diários. Em seu diário, ela não só retratou a vida íntima e a personalidade de sua família, mas também ofereceu um olhar profundo sobre o contexto histórico em que estavam inseridos, um período marcado pela Segunda Guerra Mundial (Coster, 2012).

O diário foi escrito, entre junho de 1942 e agosto de 1944, por uma adolescente judia, que conseguiu se esconder dos nazistas com sua família em Amsterdã (Coster, 2012). Conforme aponta Cobley (2001), o diário de Anne Frank se insere na tradição ocidental de autoconhecimento, ajudando a entender nossa verdadeira essência. Além disso, ele serviu como uma válvula de escape da dura realidade em que Anne vivia. Para ela, o diário tornou-se mais do que um simples registro; era como sua confidente mais próxima, a quem ela carinhosamente nomeou de Pitty.

Samuel Pepys (1633-1703), conforme Laborda (2005, p. 6, tradução própria), “foi um alto funcionário do Almirantado Inglês do século XVII, ocupou cargos políticos, presidiu a *Royal Society* e escreveu diários privados entre 1660 e 1669.” Seus diários não só oferecem uma janela para a vida de seu autor, mas também fornecem valiosos contextos históricos, documentando eventos significativos como a Grande Praga de Londres e o Grande Incêndio de Londres.

A descoberta e publicação destes escritos em inglês em 1825 foi um evento historiográfico e um motivo de interesse popular (LABORDA, 2005, p. 6, tradução própria). Com base na autora, ler os diários de Pepys não só proporciona uma oportunidade privilegiada de olhar para a vida cotidiana e a ciência da época, mas também uma experiência alegre, que combina o prazer das confissões pessoais com o suspense de uma narrativa pulsante.

Com base em Lejeune (1971), o escritor inglês Samuel Pepys (1633-1703) é considerado um marco fundamental na história dos diários íntimos. Embora a prática de manter diários remonte aos tempos antigos, sua formalização e popularização se intensificaram ao longo dos séculos. Manter um diário pessoal permite aos indivíduos explorar e refletir sobre suas vidas, registrar eventos significativos e processar emoções e experiências. Essa forma de escrita pessoal é uma ferramenta poderosa para a autoanálise e o autoconhecimento.

Contar histórias é uma prática tão antiga quanto a própria existência humana. Joana (2002), citada por Brejo (2021), destaca a profundidade e a antiguidade desta prática essencial. Segundo Villanueva (1991), ao narrar acontecimentos, o ser humano não apenas explica seu passado e seu presente, mas também se aventura pelo futuro, justificando seus atos. Ele pode ser verdadeiro ou mentiroso, responsável

ou irresponsável, mas sempre utiliza a narrativa com uma força ilocutiva e uma intencionalidade perlocutiva, exercendo um efeito persuasivo sobre os outros através das palavras.

Brejo (2021, p. 4), ainda sobre o contexto dos diários, destaca a popularidade do gênero, conforme ela afirma:

A partir do final do século XVIII e início do XIX, com a publicação dos diários de outros autores ingleses, é que os diários íntimos ganham força e popularidade. Com as descobertas de Freud sobre o consciente e o inconsciente, os diários íntimos tornam-se instrumentos de reflexão sobre si mesmo. Além disso, em sua maioria, são produções de escrita feminina.

Porém, mesmo com a sua popularidade, ao longo da história, o gênero diário pessoal foi frequentemente marginalizado no campo literário. Apesar de seu valor intrínseco como registro íntimo e confessional, os diários foram por muito tempo desconsiderados como literatura significativa. Essa visão decorre de sua natureza não ficcional e da percepção de que são escritos sem a preocupação com a estética literária. No entanto, a profundidade e a autenticidade encontradas nos diários oferecem uma rica fonte de compreensão da experiência humana. Conforme observado no trecho a seguir:

O diário, durante muito tempo, não foi considerado um texto literário por causa de seu caráter confessional e não ficcional. Era tido como um gênero menor, sem utilidade social. A escrita reflete a vivência de um eu que se confessa, sem preocupação com a busca da perfeição literária. As palavras revelam um outro que, no fundo, é o eu-narrador, centralizado no sujeito narcísico com uma função, muitas vezes, catártica – uma possibilidade de o diário representar uma espécie de alter ego do diarista (BREJO, 2021, p.4).

Com o advento da internet, a prática de escrever diários evoluiu para um novo formato: o *blog*. Os *blogs*, como os diários tradicionais, permitem que os autores expressem suas vivências e reflexões pessoais. No entanto, diferentemente dos diários íntimos, os *blogs* são compartilhados publicamente, criando uma plataforma onde os escritores podem alcançar uma audiência global.

Nesse sentido, torna-se evidente que um gênero de escrita surge como uma evolução de outro, em resposta às necessidades identificadas na sociedade em constante evolução. Como bem apontado por Bazerman (2020, p. 37), “[...] cada texto se encontra encaixado em atividades sociais estruturadas e depende de textos

anteriores que influenciam a atividade e a organização social”. Isso destaca a interconexão entre formas de comunicação ao longo do tempo e como os textos evoluem para se adaptar às mudanças nas atividades e demandas sociais

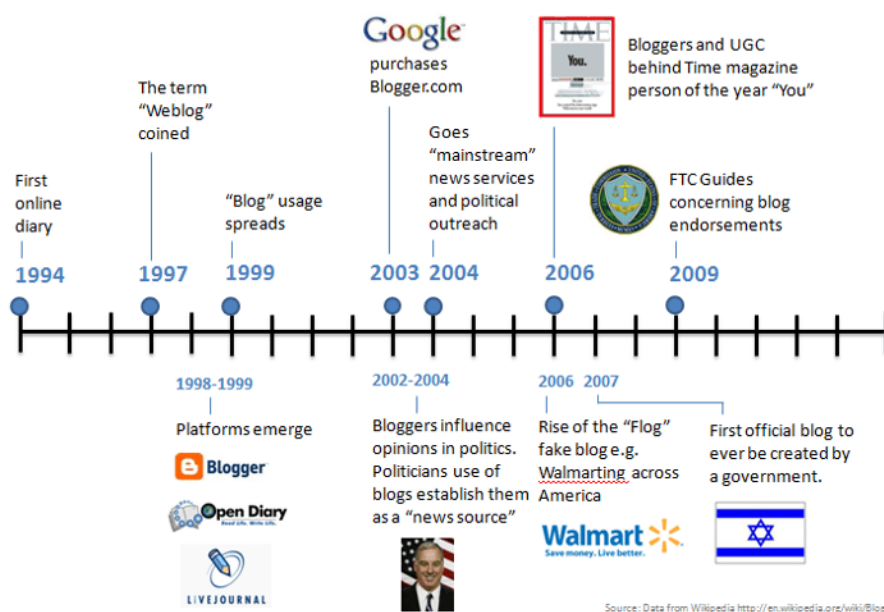
A transição do diário para o *blog* apresenta diferenças marcantes em sua evolução ao longo do tempo. Inicialmente, os diários eram escritos de forma íntima e pessoal, servindo como um espaço privado para registrar pensamentos, sentimentos e eventos do dia a dia sem a intenção de serem lidos por um público amplo. Com o tempo, essa escrita passou a ser mais pública e observada. Finalmente, chegamos a uma forma de escrita mais aberta ao público, permitindo interações, como o surgimento do *blog*.

Ao longo do tempo, os *blogs* evoluíram significativamente, indo além de sua função inicial como simples diários virtuais. Eles se transformaram em uma ferramenta de comunicação amplamente utilizada para expressar ideias e opiniões sobre uma variedade de tópicos. As pessoas não apenas compartilham informações, mas também as reinterpretam e reinventam, contribuindo para um ambiente *online* dinâmico e em constante mudança, corroborando para a cultura participativa (JENKINS: FORD; GREEN, 2015).

Além disso, é importante mencionar que os *blogs* se transformaram em uma poderosa ferramenta de marketing. Monçale, Gomes e Arruda (2015, p. 4) afirmam que “os *blogueiros* tem uma relação mais íntima com seus seguidores, o consumidor se identifica e confia na opinião lida”. Essa afirmação destaca a capacidade dos *blogs* de criar conexões autênticas entre os criadores de conteúdo e seus públicos. A confiança e a identificação mencionadas por Monçale, Gomes e Arruda são aspectos centrais do marketing de influência, em que a autenticidade e a transparência desempenham papéis cruciais na eficácia das campanhas

Dito isso, a figura 2 a seguir apresenta um recorte da história do *blog*, destacando os principais acontecimentos nesse processo de evolução. Desde a criação das primeiras plataformas de *blogs* até os formatos diversificados que conhecemos hoje, essa linha do tempo ilustra como os *blogs* se transformaram de simples diários *online* em poderosas ferramentas de comunicação e influência.

Figura 2 - Linha do tempo sobre a história do blog



Fonte: <https://michikohasegawadk1420.wordpress.com/2013/05/02/the-history-of-blogging/>

Para entender a evolução cronológica apresentada na Figura 2, é fundamental começar pelo marco inicial em janeiro de 1994, quando Justin Hall criou o Links.net, considerado o primeiro *blog* da história da Internet, mesmo sendo inicialmente um site de *links*. Embora naquela época os termos "*weblog*" ou "*blog*" ainda não existissem, foi somente em 1997 que Jorn Barger introduziu o conceito de "*weblog*," uma combinação de "*Web*" e "*log*" (registro ou diário de bordo). Logo após, na primavera de 1999, Peter Merholtz popularizou a forma abreviada "*blog*."

Em julho de 1999, surgiu a primeira plataforma gratuita, *Pitas*, seguida no mês seguinte pelo lançamento do *Blogger* por Evan Williams e Meg Hourihan, cofundadores do *Pyra Labs*, que mais tarde seria adquirido pelo Google em 2003. Este período também marcou o surgimento da *blogosfera*, uma comunidade crescente de *blogs* que publicavam conteúdo e interagiam entre si, resultando em uma explosão de novos *blogs*. Esse foi um ponto de virada na história dos *blogs*, quando começaram a transcender o mero entretenimento e se tornaram uma oportunidade de negócio.

O ano de 2003 foi crucial com o lançamento, em junho, do Google *AdSense*, um serviço de publicidade contextual que permitiu aos *blogueiros* monetizar seus conteúdos, transformando os *blogs* em uma indústria florescente. Em 2006, o *Walmart* foi uma das primeiras grandes empresas a incorporar *blogs* em sua

estratégia de marketing. E, em 2007, o governo de Israel lançou o primeiro *blog* oficial de um governo, marcando um passo significativo na utilização de *blogs* por entidades governamentais como ferramentas de comunicação direta e interação com o público (JESUS, 2012, tradução própria).

Para explorar mais a fundo alguns dos pontos mencionados anteriormente, vamos detalhar alguns desses acontecimentos, começando pelo marco de 1994 com o primeiro *blog* considerado na história da Internet. Sá Martino (2015) pontuou: “Em 2006, havia três milhões de *blogs* em atividade no mundo, embora algumas estimativas jogassem essa quantidade para cem milhões”. O *blogLinks.net*, um dos pioneiros nesse formato, foi criado pelo estudante norte-americano Justin Hall. Ainda hoje é possível acessá-lo e visualizar o perfil *online*, que, além de textos, o servidor também abriga imagens, ainda em seu *design* inicial.

Figura 3 - Layout links.net



Fonte: <https://links.net/>

No início dos anos 2000, a internet estava passando por uma transformação significativa, com o surgimento dos *blogs* como uma forma popular de expressão pessoal e comunicação. O fenômeno dos *blogs*, inicialmente vistos como diários pessoais *online*, permitiu que indivíduos compartilhassem detalhes íntimos de suas vidas com um público potencialmente global. Esse movimento gerou tanto curiosidade quanto perplexidade, como ilustrado na seguinte citação de Ercília (2001), que descreve sua descoberta do *blog* de Justin Hall e suas reações a ele.

(...) descobri o site de Justin Hall, um garoto que tem um diário na *Web* há anos. Fiquei doida. Que negócio era aquilo, aquele cara aparentemente normal, contando toda a sua vida para estranhos. Tudo mesmo. Bebedeiras, divagações à toa, sexo, fotos de Justin pelado. Comecei a ler a página, mais para tentar entender o que levava uma pessoa a fazer da sua

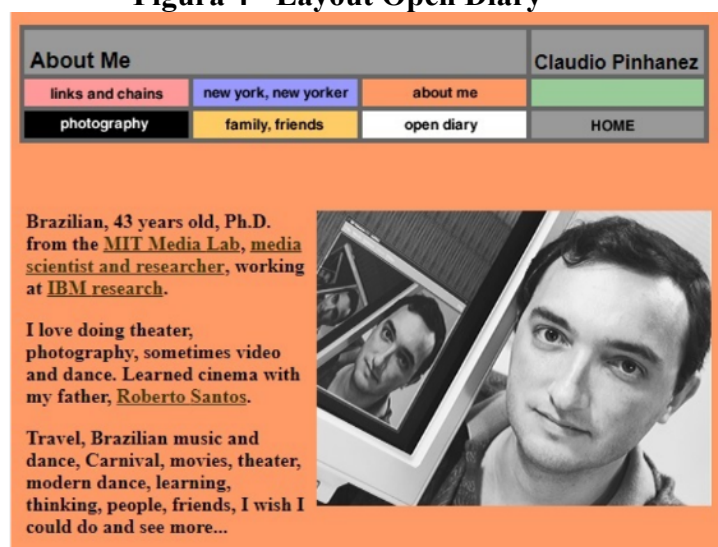
vida um livro aberto de verdade. Narcisismo? Vaidade? Uma necessidade genuína de se expressar? Não cheguei a uma conclusão, mas percebi que um bom diarista nunca fica sem leitores - comecei a acompanhar a vida de Justin como quem segue uma novela. (ERCÍLIA, 2001).

A citação de Ercília (2001) captura a essência do fascínio e da perplexidade que os primeiros *blogs* pessoais despertavam. O *blog* de Justin Hall, em particular, serve como um exemplo emblemático do potencial da internet para transformar a vida privada em um espetáculo público. A narrativa de Ercília revela a complexidade das motivações por trás dos *blogueiros*: seria um ato de narcisismo, vaidade ou uma necessidade sincera de se expressar? Embora a autora não chegue a uma conclusão definitiva, ela reconhece a atração irresistível que tais *blogs* exercem sobre os leitores.

Esta plataforma permitiu a Justin compartilhar uma variedade de interesses pessoais. Seu conteúdo abrangia, além dos mencionados anteriormente, dicas de HTML até recomendações musicais e conselhos sobre relacionamentos, destacando a versatilidade e a ampla gama de tópicos abordados por Hall. Essas iniciativas pioneiras foram cruciais para o desenvolvimento e a diversificação da incipiente *blogosfera*(ROCKCONTENT, 2021).

Além disso, segundo Pereira (2010, p. 55), "Outro na lista dos pioneiros do gênero é Claudio Pinhanez, com o site chamado *Open Diary*, publicado de novembro de 1994 a 1996". Conforme um artigo publicado no *site* da *Rock Content* em 2023, este site foi um projeto do cientista brasileiro, destinado principalmente a compartilhar sua vida pessoal. Logo abaixo, na figura 4, está a apresentação do *blog*:

Figura 4 - Layout Open Diary



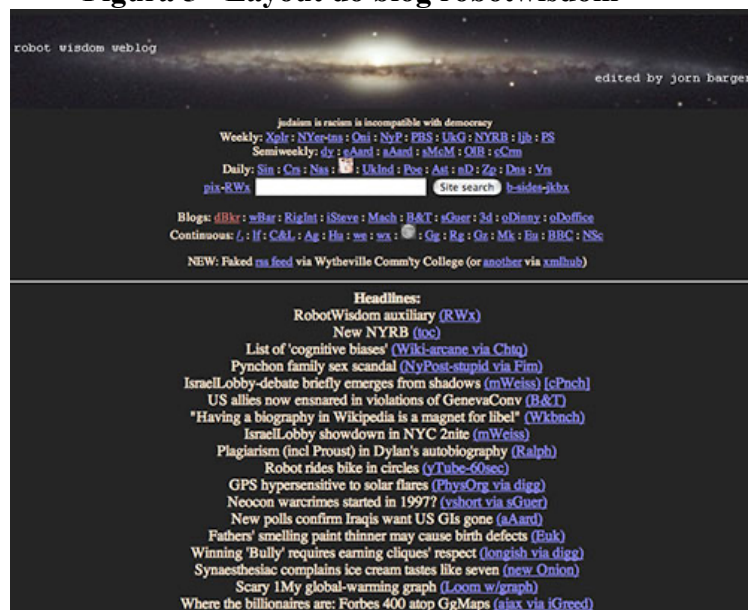
Fonte: <https://wbweb.com.br/blog/446-blog-para-empresas.html>

De acordo com França (2022), o "*Open Diary*" (diário aberto, em tradução livre do inglês) foi pioneiro na ideia de compartilhar publicamente as experiências pessoais de um pesquisador. Esse formato permitia que qualquer pessoa na internet acessasse e acompanhasse a trajetória de vida do autor. O diferencial dessas páginas estava na estrutura de publicação, organizada cronologicamente como um diário tradicional. Essa forma de disposição dos eventos é uma característica que foi adotada e permanece presente nas *timelines* (linhas do tempo, em tradução livre do inglês) das redes sociais atuais.

É interessante notar que, nesse período, ainda não havia uma denominação específica para esse tipo de *site*, ou seja, o termo "*blog*" era desconhecido. No entanto "mais tarde, em 1997, foi lançado nos Estados Unidos o primeiro *blog*, o RobotWisdom, criado por Jorn Barger. Ele também criou o termo *weblog*" (França, 2022, p. 70).

Segundo Ganhão (2004), Jorn Barger é reconhecido como um dos pioneiros na criação de um FAQ *online* (sistema de perguntas e respostas sobre determinado tema). Barger é especialmente notável por ter cunhado o termo "*weblog*" em dezembro de 1997, que descrevia uma coleção de *sites* que coletavam e compartilhavam *links* interessantes encontrados na internet. Essa terminologia foi um passo crucial no desenvolvimento dos *blogs*, estabelecendo as bases para o que conhecemos hoje como plataformas de compartilhamento de conteúdo *online* (Blood, 2004, p. 53). Na figura 5, logo abaixo, temos a apresentação do *site*:

Figura 5 - Layout do blog robotwisdom



Fonte: <https://sridc.wordpress.com/2007/12/06/weblog-1997-jorn-barger/>

Já em 1999, “a abreviação *blog*, por sua vez, foi criada por Peter Merholz” (ZIMMER, 2016, p.1).Ele fez isso de forma casual ao dividir a palavra “*weblog*” na frase “*weblog*” na barra lateral de seu *blog*, *Peterme.com*, durante os meses de abril e maio de 1999, como podemos observar na figura 6, abaixo. Essa simplificação rapidamente se popularizou e contribuiu para a difusão do termo “*blog*”, facilitando a adoção e o reconhecimento desse novo formato de publicação na internet.

Figura 6 - Layout peterme.com



Fonte: <https://pt.slideshare.net/GustavoGuanabara/top-blog-2009-blogs-quem-veio-primeiro#8>

Dito isso, a comunicação mediada por computador, como enfatizado por Crystal (2001), abrange uma diversidade de formatos comunicativos, desencadeando a criação de novos gêneros textuais no cenário da mídia virtual. Esta evolução tecnológica provocou uma transformação profunda nas formas de expressão e interação humanas. Como apontado por Sherman (2001), a evolução da escrita na Internet pode ser subdividida em duas fases distintas.

Na primeira fase da evolução do ciberespaço, a publicação de conteúdo *online* era uma tarefa que exigia um conhecimento técnico especializado, principalmente em programação. Isso significava que a criação de *blogs*, por exemplo, estava predominantemente nas mãos de indivíduos com habilidades técnicas avançadas, como programadores e *designers*.

Os primeiros *blogs* eram, em grande parte, fruto do trabalho desses especialistas, que criavam suas próprias plataformas e sistemas para compartilhar informações e opiniões na internet. Com o surgimento desses primeiros *blogs*, uma nova forma de comunicação e expressão digital começou a emergir, ainda que de forma limitada em termos de acesso e participação.

Conforme o tempo avançou e a tecnologia evoluiu, houve uma democratização na criação de conteúdo *online*. O desenvolvimento de plataformas mais acessíveis e intuitivas permitiu que um número maior de pessoas, mesmo sem conhecimento técnico profundo, pudesse criar e publicar seus próprios *blogs* e sites. Isso levou a uma explosão na popularidade dos *blogs* e à diversificação do conteúdo disponível no ciberespaço.

À medida que a tecnologia se tornou mais acessível e amigável ao usuário comum, iniciou-se a segunda fase da evolução da escrita na internet. Esse avanço tecnológico facilitou a democratização da criação de conteúdo *online*, permitindo que um público mais amplo participasse ativamente da produção de informações e opiniões na *web*. A facilidade de uso das plataformas de criação de *blogs* possibilita que qualquer pessoa, mesmo sem conhecimento técnico prévio, possa criar e gerenciar seu próprio *blog* com facilidade (Amaral; Recuero; Montardo, 2009). Essa acessibilidade transformou a *web* em um espaço dinâmico de expressão pessoal e coletiva, ampliando o alcance e a diversidade das vozes *online*.

Um marco importante nesse processo é o surgimento do *Blogger*, uma plataforma que revolucionou a criação e manutenção de *blogs*. Lançado pela *Pyra Labs* e posteriormente adquirido pelo Google (AMARAL et al., 2009), o *Blogger* desempenhou um papel crucial na popularização dos *blogs*. Conforme Carvalho (2002), essa ferramenta gratuita simplificou significativamente a criação de *blogs*, promovendo sua difusão. Segundo o autor:

Quando muita gente se perguntava sobre o futuro dos diários on-line, em 1999 uma nova ferramenta foi criada, impulsionando com grande força o fenômeno os diários pessoais na rede mundial de computadores. No mês de julho daquele ano, a empresa Pitas (www.pitas.com) criou o primeiro software grátis e em agosto o americano Evan Williams, da empresa Pyra Labs, criou ferramenta semelhante, o *Blogger* (www.blogger.com), que se transformaria no ícone de um conceito que revolucionaria a criação e postagem de páginas pessoais na internet (CARVALHO, 2002, p.136).

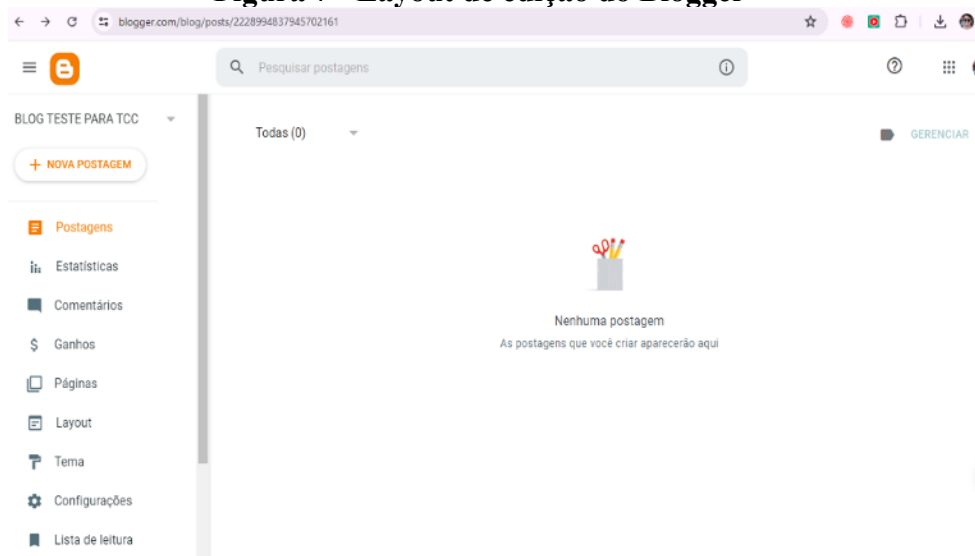
Contrastando com a afirmação de Carvalho, existe Blood (2000), na qual ela afirma:

Enquanto os *weblogs* sempre incluíram uma mistura de links, comentário e notas pessoais, na explosão pós-*Blogger* um crescente número de *weblogs* evitou focar na grande rede preferindo um tipo de diário reduzido. Estes *blogs*, muitas vezes atualizados diversas vezes por dia, eram, ao contrário, um registro dos pensamentos dos *blogueiros*: alguma coisa percebida a caminho do trabalho, comentários sobre o fim-de-semana, uma reflexão rápida sobre algum assunto ou outro (BLOOD, 2000, *online*)

Nesse sentido, após o lançamento do *Blogger*, houve uma mudança significativa na forma como os *blogs* eram utilizados. Originalmente, os *blogs* incluíam uma mistura de links, comentários e notas pessoais. No entanto, após a explosão do *Blogger*, muitos *blogs* passaram a funcionar como diários pessoais, atualizados várias vezes ao dia, registrando pensamentos e experiências cotidianas. Isso contrastava com o estilo anterior, que focava mais na *web* como um todo. O *Blogger* facilitou essa transição ao permitir uma interface simples e acessível para postar qualquer tipo de conteúdo rapidamente.

A facilidade de criação de *blogs* é um dos principais pontos do *Blogger*, como foi mencionado anteriormente. Ao acessar o site *blogger.com*, há um botão claro para criar um *blog*. Após fazer login com uma conta do Google, os passos são: a) informar o nome do *blog*, b) escolher o endereço URL, que pode ser o nome do *blog* com final *.blogspot.com*, e c) definir o nome que aparecerá para os leitores. Com isso, o *blog* estará pronto para uso, como pode ser observado na figura 7, logo abaixo:

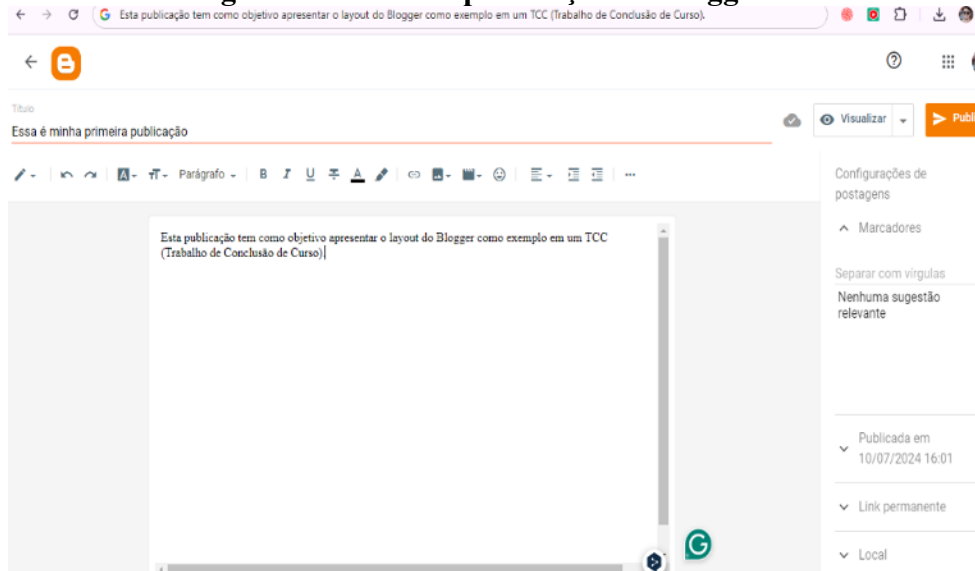
Figura 7 - Layout de edição do Blogger



Fonte: <https://www.blogger.com/>

À esquerda, há várias funções, como menu para *postagens*, estatísticas, comentários, ganhos, páginas, layout, temas, configurações e lista de leitura. A seção de *postagens*, usada para criar publicações, será detalhada na figura 8 abaixo.

Figura 8 - Menu de publicação do Blogger



Fonte: <https://www.blogger.com/>

Nessa seção dedicada às possibilidades de publicação, há um painel repleto de ferramentas que facilitam a criação de conteúdo. Inclui opções para escolher fontes, cores e editar parágrafos, além de permitir a inserção de vídeos, áudios e fotos.

Também possui abas separadas para título e conteúdo da *postagem*. Após a *postagem*, o leitor do *blog* verá da seguinte forma:

Figura 9 - Layout de visualização do Blogger



Fonte: <https://www.blogger.com/>

Na parte superior dessa representação, são destacados detalhes importantes como a data em que o conteúdo foi publicado, o título da *postagem* que captura o tema ou o ponto central do texto, e uma seção dedicada aos comentários, onde os leitores podem interagir e deixar suas opiniões sobre o conteúdo compartilhado pelo autor do *blog*.

Essa estrutura lembra muito a organização de um diário pessoal, com a data marcando o registro temporal e o título resumindo o conteúdo. No entanto, a presença do espaço para comentários destaca uma diferença significativa: enquanto o diário pessoal é tradicionalmente mais íntimo e privado, a possibilidade de comentários em um *blog* permite interações públicas, expandindo o alcance do conteúdo e possibilitando trocas de ideias.

Dito isso, após compreender esse marco significativo na popularização dos *blogs*, uma multiplicidade de novos sites começou a surgir, abordando uma ampla gama de temas e interesses. Entre as diversas vertentes que emergiram nesse período, destaca-se o *AndrewSullivan.com*. Fundado em 2000, este *site* é reconhecido por

Romeltea(2018) como o pioneiro dos *blogs* políticos, marcando um momento crucial na interseção entre *blogs* e política.

Andrew Sullivan, um renomado escritor americano de origem britânica, é celebrado como um dos pioneiros no campo dos *blogs* políticos. Através de seu *blog*, Sullivan foi um dos primeiros a explorar uma nova forma de engajamento político *online*, proporcionando uma plataforma para discussões, análises e reflexões sobre questões políticas contemporâneas e pertinentes

O surgimento do *AndrewSullivan.com* e de outros *blogs* políticos semelhantes demonstrou o potencial do gênero como ferramentas poderosas para o debate público e a expressão de opiniões políticas. Esses *blogs* proporcionaram uma maneira única e acessível para que as pessoas se informassem, participassem e contribuíssem para o discurso político, reforçando ainda mais a democratização da informação e do debate político no ciberespaço (Rosenberg, 2009).

Segundo o criador do *site*, "nesta era de debate polarizado, a verdade nunca esteve tão disponível" (Sullivan, 2004, p.37, tradução própria), refletindo sobre o impacto profundo que os *blogs* políticos têm na disseminação e na democratização da informação. Sullivan argumenta que, através de plataformas como a sua, indivíduos podem acessar uma variedade de perspectivas e análises sobre diversos assuntos, desafiando as narrativas dominantes e promovendo um debate mais informado e aberto.

Seguindo a linha de raciocínio, ele continua afirmando que "Em dias no passado, você precisava de uma pequena fortuna para lançar uma simples revista ou jornal. Agora você precisa de um laptop e um modem" (p. 37, tradução própria), destacando como os *blogs* políticos democratizaram a capacidade de divulgar informações e opiniões. Isso permitiu que indivíduos com recursos limitados desempenhassem um papel significativo no cenário midiático, ampliando assim o espectro de vozes no debate público. Logo abaixo, será apresentado o *layout* de seu *blog*:

Figura 10 - Blog andrewsullivan.com



Fonte: <https://pt.slideshare.net/slideshow/the-history-of-blogs/5748>

Como argumentou Andrews (2003), a blogosfera está transformando o jornalismo em "um processo de publicação centralizado, de cima para baixo e de sentido único, para um ciclo de feedback contínuo e multidirecional das comunicações *online*" (p. 64, tradução própria). Essa mudança marca uma evolução significativa na forma como as informações são produzidas, compartilhadas e debatidas, desafiando as estruturas tradicionais e permitindo uma participação mais ampla e diversificada no cenário midiático.

Sullivan não apenas abriu caminho para a discussão política *online*, mas também demonstrou que os blogs podem servir como plataformas de debate e engajamento cívico em escala global. Sua influência inspirou uma nova geração de *blogueiros* políticos e contribuiu para a democratização do acesso à informação e à participação política através da internet.

Os *blogs* têm se destacado como uma poderosa ferramenta de influência social, como conclui Ordunã (2007, p. 13). Segundo o autor, o *blog* não apenas informa, mas também molda interações sociais de maneira mais íntima do que as notícias veiculadas em *sites* ou portais. O papel dos formadores de opinião é crucial nesse contexto, facilitando a troca de informações entre diversos atores sociais. Conforme o autor, o *blog* é:

Uma ferramenta capaz de influenciar pessoas em suas vidas sociais, de forma menos informal ao comparar com uma notícia publicada em site ou portal. O formador de opinião tem papel importante na troca de informações entre os atores sociais.

Os *blogs*, desde sua concepção como diários *online*, passaram por uma transformação significativa ao longo dos anos. De simples plataformas pessoais a ferramentas multifacetadas de comunicação e expressão, os *blogs* evoluíram para abranger uma ampla gama de propósitos e formatos. Essa evolução foi impulsionada pela melhoria das tecnologias de *blogging* a integração com as redes sociais e a crescente profissionalização dos *blogueiros*.

Dando continuidade, além dos usos mencionados até então, destaca-se também o fortalecimento das estratégias de marketing empresarial. Segundo Andersson (2007, p. 3, tradução própria), "o blog marketing emergiu como uma forma inovadora de estabelecer um relacionamento mais próximo com os clientes". Essa aproximação entre empresa e cliente é enfatizada pelo autor, que argumenta que esse formato proporciona um espaço para conversas e interações significativas, tanto entre os próprios clientes quanto com a organização em si.

O surgimento dos blogs como ferramenta de marketing foi impulsionado por uma série de eventos, sendo o reconhecimento do próprio gênero um dos mais cruciais. Andersson, inicialmente, contextualiza o rápido crescimento dos *blogs*:

No início, o rápido crescimento dos blogs dependia de acontecimentos extremos. Exemplos de eventos, após os quais os blogs aumentaram rapidamente, foram durante e após o ataque ao World Trade Center, guerras, campanhas políticas e desastres naturais (ANDERSSON, 2007, p.7, tradução própria):

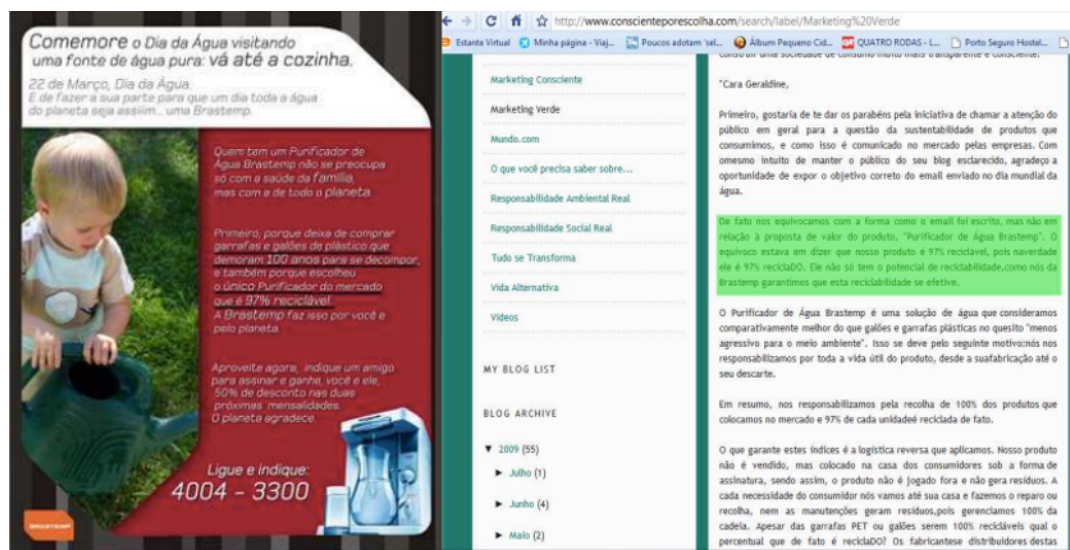
Destacando a crescente necessidade das pessoas de se comunicarem, discutirem acontecimentos e explorarem diversos pontos de vista, contribuíram significativamente para o crescimento da blogosfera e a popularização deste novo fenômeno de comunicação mediada por computador.

Todavia, como ele mesmo pontua, "hoje, os blogs na blogosfera dizem respeito a negócios, por exemplo, sobre mercados e atendimento ao cliente"(ANDERSSON, 2007, p.7, tradução própria). Andersson destaca que os *blogs* se transformaram em ferramentas essenciais para empresas que buscam não apenas promover seus produtos e serviços, mas também para estabelecer uma conexão direta e interativa com seu público-alvo.

Isso ocorre por diversos fatores, como ele mesmo destaca: "Os blogs parecem encorajar um senso de comunidade, especialmente para aqueles que procuram informações mais detalhadas do que as disponíveis na mídia tradicional" (ANDERSSON, 2007, p. 8, tradução própria). Andersson ressalta que essa característica dos *blogs* não apenas fortalece o engajamento entre os leitores, mas também amplia o acesso a perspectivas variadas e aprofundadas sobre temas específicos, contribuindo para uma comunicação mais democrática e participativa.

Um exemplo marcante é a empresa Brastemp, que em 2009 adotou o *blog* como uma estratégia inovadora de marketing. A figura 11 ilustra esse uso pioneiro, demonstrando como as empresas locais começaram a explorar o potencial dos *blogs* para fortalecer sua presença e interação com o público-alvo:

Figura 11 - Case Brastemp - Blog Consciente por escolha (2009)



Fonte: https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/5904/Bianca+Canale+Sirena_.pdf?sequence=1

A adoção do *blog* pela Brastemp exemplifica uma estratégia de *marketing* digital para o mercado brasileiro, mas também evidencia uma mudança significativa na maneira como as empresas locais buscavam se posicionar e se comunicar com os consumidores. Ao utilizar *blogs*, a Brastemp não apenas promoveu seus produtos de maneira mais direta e interativa, mas também aproveitou a oportunidade de criar conteúdo relevante e informativo que ressoasse com seu público-alvo.

Para concluir, fica evidente a diversidade de usos que os *blogs* passaram a ter ao longo de sua história. De simples plataformas de *links*, transformaram-se em diários pessoais, e continuaram se expandindo. Servindo como ferramentas de marketing, veículos de notícias, e espaços de expressão criativa, adaptando-se constantemente às necessidades e interesses de seus usuários.

2.3 Gêneros textuais emergentes: fenômenos sociais

A introdução do termo "gênero" com um escopo mais amplo para as situações cotidianas de comunicação foi pioneira nas reflexões de Bakhtin (2000). Ele enfatiza que a língua não pode ser compreendida isoladamente. Diversos elementos, como o contexto da fala, a relação entre falante e ouvinte, bem como o contexto histórico, precisam ser considerados. Segundo Bakhtin:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. (...) Que se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. (...) Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2000, p. 279)

Assim, os gêneros textuais configuram-se como as formas e características pelas quais os falantes se expressam, levando em conta o contexto social e situacional no momento do ato comunicativo. Os gêneros discursivos constituem-se, portanto, na produção de enunciados orais e escritos, ocorrendo de maneira contextualizada. Bakhtin (2000) destaca que os gêneros discursivos podem ser subdivididos em duas variáveis. De um lado, estão os gêneros primários, mais simples e que ocorrem de maneira mais espontânea, como a carta. Do outro lado, temos os gêneros secundários, mais complexos e que demandam um processo de escrita mais elaborado, como o discurso científico.

Na visão de Marcuschi (2002), os gêneros estão intrinsecamente ligados às necessidades e atividades sócio-históricas, sendo suscetíveis a modificações. Nas palavras do próprio Marcuschi (2002):

Os gêneros caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividade sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é

facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. Os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio- discursivas. (MARCUSCHI, 2002, p.20).

Nesse sentido, o conceito de gêneros textuais surge como uma abordagem dinâmica, evoluindo ao longo das interações humanas e adaptando-se às mudanças sociais e tecnológicas. Ainda sobre Marcuschi (2002, p. 33) “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. Ou seja, quando dominamos um gênero textual, estamos aprendendo a usar a linguagem para alcançar objetivos específicos em determinadas situações sociais, não apenas memorizando uma estrutura linguística fixa. A função, nesse sentido, acaba sendo mais importante que a forma.

É crucial destacar que o blog passou por transformações ao longo do tempo. "A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas." (MARCUSCHI, 2002, p. 19). Nesse sentido, a tecnologia facilita a criação de novas formas de comunicação, mas essas formas não são completamente inéditas; elas geralmente têm raízes em práticas comunicativas pré-existentes. Inicialmente, ele compartilhava semelhanças com o gênero textual diário. Segundo Beiguelman (2003, p. 1):

Tem jeito de onomatopéia, mas não é. (...) Derivada de *web log* ou *weblog*, está na boca do povo (...) e define um site pessoal, ou comunitário, sem finalidades comerciais, que utiliza um formato de diário com registros datados e atualizados freqüentemente.

No entanto, no século XXI, o *blog* passou por expansões e ganhou novas finalidades. Enquanto antes se assemelhava a um diário, sendo uma ferramenta para registrar informações pessoais privadas, acabou migrando para o domínio público com o objetivo de reconhecimento. Ao ganhar adesão da audiência, os *blogs* começaram a agregar ao seu teor pessoal uma finalidade comercial, visto que seus autores

conquistaram a credibilidade do público e se tornaram potenciais garotos-propaganda para várias marcas, ocupando o papel que antes era desempenhado por celebridades.

Além disso, outros gêneros foram incorporados ao universo do *blog*. Um exemplo notável são os gêneros da esfera jornalística/informativa, cuja função foi incorporada, em várias plataformas, pelos *blogs*. Estes desempenham um papel fundamental na disseminação de informações sobre acontecimentos regionais, nacionais e internacionais. Essa transformação levou o gênero a desenvolver variações distintas, adaptando-se às novas formas de consumo de conteúdo digital. Entre essas variações estão o *Vlog*, que utiliza vídeos para engajamento visual e narrativo, e o *Audioblog*, que explora o formato de áudio para alcançar uma audiência diversificada. Na próxima seção, essas variações serão exploradas com mais detalhes, exemplificando como cada uma se estabeleceu no meio digital e contribuiu para a evolução dos *blogs* tradicionais.

Essas mudanças no gênero textual *blog* demonstram a capacidade de adaptação dos gêneros às demandas e possibilidades emergentes em nossa sociedade cada vez mais tecnológica. O que começou como um meio de expressão pessoal e compartilhamento de ideias evoluiu para uma plataforma multifacetada, capaz de abordar uma ampla gama de propósitos e públicos.

Bakhtin (2000) estabelece uma base conceitual crucial ao enfatizar que a compreensão de um gênero vai além das palavras e envolve a interação complexa entre o contexto, os participantes da comunicação e a própria situação histórica. Dessa forma, os gêneros discursivos se tornam meios pelos quais os indivíduos expressam suas ideias e experiências de maneira adequada ao ambiente em que estão inseridos.

A perspectiva de Marcuschi (2002) enfatiza a maleabilidade e a natureza em constante evolução dos gêneros. Eles não são entidades estáticas, mas sim formas comunicativas moldadas pelas necessidades em mutação das atividades humanas e pelas transformações culturais. É nesse contexto que o surgimento do *blog* e suas múltiplas variações podem ser compreendidos como uma resposta às inovações tecnológicas e às novas formas de interação na sociedade.

Ao abordar sobre os textos que circulam na internet, é crucial falar sobre o conceito de hipertexto. Segundo a definição, hipertexto é uma forma não linear de

organização de informações, permitindo ao leitor escolher o próprio caminho de leitura através de *links* que conectam diferentes trechos de texto, imagens, vídeos, e outros elementos digitais.

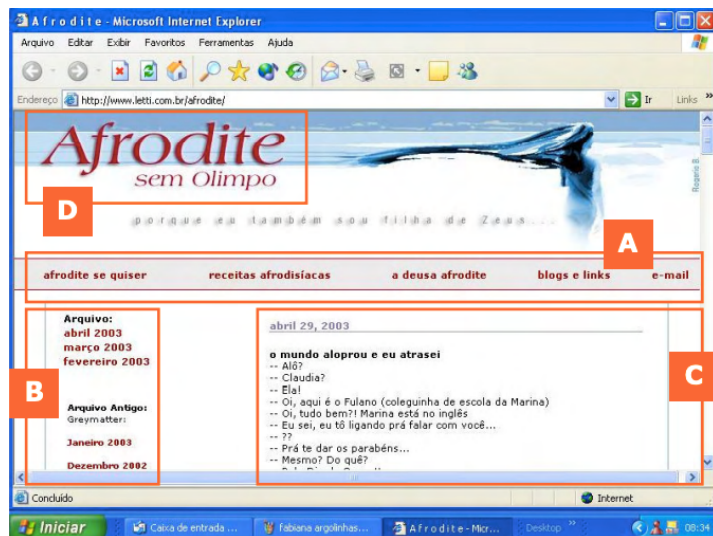
Para Xavier (2004), o hipertexto é descrito como uma "forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade". Isso destaca a capacidade do hipertexto de integrar múltiplas formas de comunicação, proporcionando uma experiência interativa e personalizada para o usuário.

Do ponto de vista dos estudos linguísticos, Marcuschi (apud KOMESU, 2005, p. 97) assim define o hipertexto:

O hipertexto não é um gênero textual nem um simples suporte de gêneros diversos, mas como um tipo de escritura. É uma forma de organização cognitiva e referencial cujos princípios constituem um conjunto de possibilidades estruturais que caracterizam ações e decisões cognitivas baseadas em (séries de) referências não contínuas e não progressivas. Considerando que a linearidade lingüística sempre constituiu um princípio básico da teorização (formal ou funcional) da língua, o hipertexto rompe esse padrão em alguns níveis. Nele, não se observa uma ordem de construção, mas possibilidades de construção textual plurilinearizada. (KOMESU, 2005).

Nesse sentido, logo abaixo, temos a apresentação de um *blog*, para que possamos analisar a presença da hipertextualidade no gênero:

Figura 12 - Afrodite sem Olimpo



Fonte: Komesu (2005)

De acordo com o que foi discutido anteriormente, podemos observar que um *blog*, em sua estrutura, exhibe a presença de *links* que desempenham um papel crucial na navegação. A partir de Komesu (2005, p. 96) “Cada um dos links, isto é, cada uma das palavras, dos trechos do texto em destaque, dos eventuais elementos gráficos, dá acesso a um outro hipertexto da internet. A ordem de acesso dos links é estabelecida pelo leitor.” Desta forma, esses *links* direcionam o leitor para várias partes do *blog*, dependendo de suas escolhas. Para alguns estudiosos, essa interação ativa do leitor o transforma em um coautor do conteúdo, pois ele molda sua experiência de leitura ao selecionar quais *links* seguir.

A presença de *links* internos e externos, menus de navegação, *tags* e categorias, e até mesmo multimídia integrada, como vídeos e imagens, todos contribuem para a criação de um ambiente interativo. Segundo Komesu (2005):

Ao acessar o hipertexto (um outro blog, por exemplo), o leitor irá se deparar com outra gigantesca lista de links (conseqüentemente, com outros textos escritos, imagens, sons) e assim sucessivamente. Não há, portanto, limites definidos para seu desenvolvimento (Komesu, 2005, p. 96).

Ao analisar a figura 12, percebemos que diversas partes da composição do *blog* contêm elementos que nos direcionam para diferentes contextos, identificados como A, B, C e D. Esses elementos, como *links*, permitem que o leitor navegue por uma variedade

de gêneros e conteúdos relacionados, ampliando sua experiência de leitura. Dependendo das escolhas do leitor, ele pode explorar novos cenários e temas, enriquecendo a interação com o *blog* e possibilitando uma compreensão mais abrangente do conteúdo disponível.

Com o avanço da tecnologia, a maneira como interagimos com os textos evoluiu significativamente. A seguir, exploramos uma citação que ilustra as diversas características e vantagens do hipertexto, destacando como ele transforma a maneira tradicional de leitura e navegação de informações:

Atualmente, em função do desenvolvimento tecnológico, o hipertexto é compreendido como um texto em formato digital que apresenta várias características como a não linearidade, a intertextualidade, mutidimensionalidade, interatividade, oferecendo ao leitor a possibilidade de adentrar em outros textos que, de certa forma, estão ocultos, em outras janelas, permitindo a escolha da leitura e o ir e vir do leitor navegador, o qual não precisa seguir uma hierarquia de leitura, de linha a linha, parágrafo por parágrafo e concluir a leitura de uma página para passar para outra, como se apresenta, tradicionalmente, no livro impresso. (MELO, 2011, n.p)

Dito isso, Pierre Lévy (2003) descreve esse ambiente cultural como o que ele denomina de ciberespaço, introduzindo uma nova forma de cultura, a cibercultura. Lévy define a cibercultura como o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atividades, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2003, p. 17). Este ambiente virtual se caracteriza pela interconexão de computadores e dispositivos digitais, onde ocorre um fluxo contínuo de ideias, práticas e representações entre pessoas conectadas.

Que, conforme Melo (2011, n.p), afirma:

Esse novo panorama sugere mudanças na transposição dos gêneros textuais impressos para o virtual. Na internet, por exemplo, é possível verificar um constante crescimento de novos gêneros digitais, tais como: blogs, home pages, e-mail, chats, fórum, lista de discussão, videoconferências, aulas à distância, sites informativos, rádio web, livros digitais, e-books, ciberlivros, scraps, microblogs entre outros.

A transição dos gêneros textuais tradicionais para as formas contemporâneas, como o *blog*, evidencia a fluidez inerente à comunicação textual. Os *blogs* se ajustaram ao cenário digital, permitindo a criação de narrativas pessoais, análises, discussões e uma ampla variedade de interações, que se entrelaçam com as práticas sociodiscursivas.

A adaptação dos gêneros textuais à era digital demonstra a influência mútua entre a tecnologia e a linguagem, refletindo a constante busca por expressar, comunicar e interagir em contextos em constante transformação.

À luz das necessidades geradas por uma cultura em constante evolução, torna-se evidente a emergência de novos gêneros textuais que correspondem às demandas contemporâneas. Esse processo impulsionou a expansão das formas de expressão, abrindo novos horizontes e possibilidades de comunicação. Os avanços nos meios digitais desempenharam um papel vital ao oferecer diversas plataformas para a criação textual, bem como variadas formas de registro de informações, desde textos escritos até mídias visuais e interativas.

Mario Prata, uma figura proeminente na literatura brasileira, expressou reflexões sobre essas novas formas de expressão em sua crônica intitulada "Amor, só de letras". Nesse contexto, ele tece uma crítica pertinente a essas transformações comunicativas, indicando uma certa vagueza nas mensagens transmitidas. A complexidade das novas formas de comunicação é abordada por Prata, questionando até que ponto as palavras e símbolos digitais conseguem transmitir emoções e informações de maneira tão precisa quanto as formas tradicionais de expressão. A seguir, podemos perceber o fragmento que fala sobre:

(...)Só que agora, finzinho do finzinho do século, surgiu um outro tipo de casamento. O casamento de letras. Letras de textos. Apaixona-se, hoje em dia, pelo texto. Via Internet. (...) Começa no chat, com o texto. (...) Moças de vírgulas acentuadas, [exclamações sensuais e risos de entortar qualquer coração letrado ou iletrado. (...) Sim, pela primeira vez nesta nossa humanidade já tão velhinha, as pessoas estão se conhecendo primeiramente pela palavra escrita. E lida, é claro. (...) Jamais, em tempo algum, o brasileiro escreveu tanto. E se comunicou tanto. E leu tanto. E amou tanto” (PRATA Mario 2000)

Assim, as mudanças nos gêneros textuais refletem o panorama em constante mutação das necessidades e das formas de interação da sociedade moderna. A explosão das plataformas digitais expandiu o leque de opções disponíveis para a criação e a disseminação de conteúdo, mas também gerou debates sobre a profundidade e a autenticidade das mensagens transmitidas. O equilíbrio entre a conveniência oferecida pelas novas tecnologias e a preservação da riqueza semântica e emocional das expressões tradicionais permanece como um desafio instigante na era da comunicação digital.

É notório como a própria natureza das relações interpessoais passou por uma transformação significativa. As manifestações de afeto e carinho que costumavam ser predominantemente físicas evoluíram para novas formas mediadas pela tecnologia. A interação humana, uma vez centrada em expressões tangíveis, encontrou um novo canal por meio do qual os sentimentos podem ser compartilhados à distância, sem a necessidade de contato físico direto. Esse fenômeno ilustra a capacidade da tecnologia em transcender as barreiras físicas e aproximar as pessoas de maneira virtual.

A ascensão da comunicação digital trouxe consigo a habilidade de transmitir sentimentos e emoções por meio das palavras escritas. A distância geográfica já não é um obstáculo intransponível para expressar afeto e solidariedade. Através das plataformas *online* e das redes sociais, as pessoas podem trocar mensagens, compartilhar histórias pessoais e demonstrar apoio emocional mesmo quando estão separadas por grandes distâncias. As palavras, então, ganharam uma nova dimensão, servindo como veículo para transmitir carinho, amor e conexão de uma maneira que transcende as limitações físicas.

Contudo, essa evolução das formas de relacionamento também levanta questões sobre a autenticidade das interações mediadas pela tecnologia. A transformação das interações físicas em trocas virtuais de afeto destaca a adaptabilidade das relações humanas à era digital. No entanto, a complexidade dessas mudanças também nos leva a considerar como as formas digitais de demonstração de sentimentos se comparam às interações mais tradicionais, desafiando-nos a explorar a profundidade e a autenticidade das conexões estabelecidas por meio das palavras.

Na década de 1990, Gilles Deleuze realizou uma análise crítica da sociedade disciplinar, estabelecendo conexões com as configurações sociais da época. Para ele, a partir da metade do século XX, as sociedades disciplinares foram substituídas pelas sociedades de controle, que atuam por controle contínuo e comunicação instantânea (Deleuze 2013: 219).

Esse fenômeno levanta questões pertinentes sobre a legitimidade das interações nas plataformas digitais mais populares, como *blogs*, *YouTube* e *Instagram*. Um dos questionamentos cruciais é se existe espaço para um diálogo genuíno nos comentários dessas plataformas ou se estes se limitam a exposições de pontos de vista individuais. Muitas vezes, os responsáveis pelos perfis têm um papel central na mediação e

direcionamento das discussões, o que pode influenciar significativamente a natureza das interações que ocorrem ali. Para da Rocha Barichello (2017):

Na sociedade atual, as bases de dados digitais guardam grande quantidade de dados que podem ser automaticamente coletados, acessados, manipulados e remixados estão disponíveis em tempo real, são distribuídos em alta velocidade por todo o mundo, são fáceis e baratos de coletar e distribuir, e podem ser duplicados sem destruir o dado original (DA ROCHA BARICHELO, 2017, p.102)

Essa reflexão é especialmente relevante no contexto dos *blogs*, onde a velocidade e o volume das interações nos comentários podem obscurecer a qualidade do diálogo. *Posts* que geram mais engajamento tendem a provocar reações polarizadas ou emocionais, resultando em discussões que muitas vezes são superficiais. Essa reflexão sobre os *blogs* ilustra como essas plataformas digitais não apenas armazenam e disseminam informações de forma rápida e acessível, mas também moldam os tipos de interações que ocorrem *online*. A influência dos *blogueiros* na direção das discussões pode tanto enriquecer o debate quanto limitá-lo, dependendo de como eles conduzem e moderam o conteúdo.

Hoje, na era da cultura eletrônica, testemunhamos uma explosão de novos gêneros e formas de comunicação. Tecnologias como o telefone, gravador, rádio, televisão e, especialmente, o computador pessoal e a internet têm revolucionado como as pessoas se comunicam e interagem globalmente. Marcushi, em um dos seus recortes, afirma:

Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII A. c., multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação. Hoje, em plena fase da denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

É importante considerar que os gêneros se constituem enquanto fenômenos históricos, e se multiplicam de acordo com as possibilidades expressas em uma determinada comunidade. Levando em consideração esses aspectos, Marcuschi (2004), diante do contexto virtual, afirma que há uma variedade de novos gêneros, esses gêneros são denominados de gêneros emergentes e circulam por meio dos meios digitais. Os *blogs*, de acordo com ele:

Os *blogs* têm uma história própria, uma função específica e uma estrutura que os caracteriza como um gênero, embora extremamente variados nas peças textuais que albergam. Hoje são praticados em grande escala e estão fadados a se tornarem cada vez mais populares pelo enorme apelo pessoal (MARCUSCHI, 2004, p.61).

Parafraseando Marcushi (2004), que observa que essas formas de comunicação são amplamente praticadas e tendem a se tornar cada vez mais populares devido ao seu forte apelo pessoal, Barros (2019) contrasta essa visão:

O número de *blogs* não parava de crescer, chegando a marca de 130 milhões em 2013. Cada vez mais os veículos foram incorporando este tipo específico de site nas suas estruturas, a maior parte dos colunistas dos jornais tornavam-se *blogueiros*. Com o passar do tempo os *blogs* passam a dividir o espaço e atenção dos usuários com outras plataformas de produção de conteúdo e site de redes sociais. Um exemplo são os sites de *microblogs* como Twitter e Tumblr, que mesclam características dos *blogs* com os de redes sociais, permitindo que os usuários criem perfis e nestes publiquem texto, fotos, vídeos e áudios (ZAGO, apud BARROS, p.6, 2019).

Com o tempo, novas formas de produção de conteúdo começaram a emergir. Plataformas como *YouTube*, *Instagram*, e, mais recentemente, *TikTok*, ofereceram maneiras alternativas e muitas vezes mais visuais de compartilhar informações e entreter. Essas plataformas permitiram a criação de vídeos curtos, imagens e transmissões ao vivo, atraindo um público que busca conteúdo mais dinâmico e interativo. Pedro Dória, em seu *blog*, expressa sobre o ato de *blogar* que o “esforço de torná-los uma plataforma que reunia reflexão, a possibilidade de mudar de opinião, conversas profundas, ao mesmo tempo em que alcançavam gigantescas audiências, ruiu” (*Blog Pedro Dória*, 2015).

Além dos aspectos mencionados, com base em Barros (2019), podemos atribuir o declínio da utilização dos *blogs* a vários fatores. Conforme Barros explica, "as telas reduzidas favorecem a navegação pelos aplicativos, leitura de textos mais curtos e consumo de imagens que são a base das redes sociais." Assim, a prevalência de dispositivos móveis com telas pequenas e a preferência por conteúdos mais curtos e visuais, predominantes nas redes sociais, contribuem para essa tendência. Apesar de os *blogs* ainda manterem seu espaço e importância, a mudança nas preferências dos usuários e a evolução tecnológica exigem que os criadores de conteúdo se adaptem continuamente para manter sua relevância.

Ademais, conforme Barros (2019), outro aspecto que favoreceu o declínio dos *blogs* está relacionado à fragmentação da audiência. "Se no início da história dos *blogs*, como descrito anteriormente, havia pouca opção de conteúdo na *web*, essa não é a realidade já faz algum tempo." Com a explosão de diferentes plataformas de mídia social e a vasta diversidade de conteúdos disponíveis *online*, os leitores agora têm inúmeras alternativas para consumir informações e se entreter. Essa fragmentação dispersa a atenção do público, tornando mais desafiador para os *blogs* manterem uma base de leitores fiel e engajada.

Para concluir, ainda com base em Barros:

Seria prematuro e ingênuo fazer qualquer afirmação que defina a longevidade ou morte dos *blogs*. O que é verificado é que este ainda se constitui um importante na atualidade. O *blogueiros* continuam pautando jornais, *blogueiras* de moda continuam ditando tendências, *blogs* está virando livros entre outras formas de atuação desses produtores de conteúdo. O que ocorre é uma redução das audiências que pode denotar a necessidade de uma mudança de foco(BARROS, 2019, p.10)

Portanto, embora os *blogs* enfrentem desafios significativos, eles ainda têm um papel importante no ecossistema digital. Apesar de que a forma como os *blogs* são consumidos e utilizados ter mudado, sua essência permanece valiosa. Com a capacidade de se adaptar e evoluir, os *blogs* continuarão a ser uma parte integral do cenário digital, fornecendo uma plataforma para vozes individuais e coletivas se expressarem, informarem e inspirarem.

2.4 Subgêneros do *blog*: *Vlog* e *audioblog*

Para Fumero (2006), com o avanço da tecnologia, novas possibilidades de atualização e interação surgiram para os *blogs*, expandindo suas capacidades comunicativas. Além das tradicionais *postagens* escritas, surgem variações como *audioblogs*, e *videoblogs*. Cada uma dessas modalidades oferece uma abordagem única para a expressão de ideias e experiências, priorizando o uso de áudio e vídeos.

O *vlog* e o *audioblog* são subcategorias do gênero textual *blog*, conforme definido por Dionísio (2005), e compartilham a característica de terem uma constituição

intensamente multimodal. Originado da fusão das palavras "vídeo" e "blog", o *vlog* se estabeleceu como um gênero textual em ascensão, alcançando um público diversificado em termos de faixa etária, em grande parte devido à sua popularização na plataforma *YouTube*.

O conceito de texto multimodal ou multissemiótico aborda a complexidade crescente das formas de comunicação contemporâneas, que utilizam diversas modalidades de linguagem e sistemas de signos para compor significados. Rojo e Barbosa (2015) destacam como a combinação de linguagem oral e escrita, gestualidade, sons não verbais, e imagens estáticas e em movimento permeia tanto os meios tradicionais como as plataformas digitais, delineando um panorama rico e diversificado de expressão e comunicação na atualidade. De acordo com Rojo e Barbosa:

Texto multimodal ou multissemiótico é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição. Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas – modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais – modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeos, animações – modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais. (Rojo; Barbosa, 2015, p. 108, destaque das autoras).

Os *vlogs* servem a múltiplos propósitos, diferenciando-se de outros gêneros digitais. Como observam Lima e Luna (2012, p. 6), ao contrário da tendência em outros gêneros de transpor a fala para a escrita, os *vlogs* são elaborados com uma abordagem que prioriza a oralidade. Esse aspecto os torna particularmente atraentes para o público jovem, que já está imerso na cultura tecnológica desde cedo.

Na contemporaneidade, os gêneros emergentes se destacam pelo uso de múltiplos modos de comunicação e expressão. Dessa forma, Dionísio (2014, p. 42) afirma: "é no texto, materialidade dos gêneros, onde os modos (imagem, escrita, som, música, linhas, cores, tamanho, ângulos, entonação, ritmos, efeitos visuais, melodia etc.) são realizados". Essa abordagem reflete uma tendência crescente na criação de conteúdos, na qual a combinação e a interação de diferentes elementos visuais, sonoros e textuais enriquecem a experiência do usuário. A convergência de modos no texto não

apenas amplia as possibilidades expressivas, mas também influencia profundamente a forma como os gêneros são percebidos e consumidos na era digital.

Conforme apontado por Souza (2018, p. 520), a distinção principal entre um *blog* e um *vlog* está no formato de publicação utilizado. Considerando essas perspectivas, é importante revisar a ideia de "gêneros multimodais". Na verdade, todos os gêneros textuais são multimodais por natureza, uma vez que incorporam diferentes modos de representação da linguagem, como palavras, imagens, gestos, entonação, tipografia, layout e expressão facial. No entanto, alguns gêneros apresentam um arranjo semiótico mais complexo em sua composição, como é o caso do *blog* e seus subgêneros.

Para contextualizar um pouco a respeito do *Vlog*, que também serve de base para o *audioblog*, de acordo com Andrade (2015, p. 3), "Os diários *online*, que antes eram basicamente textos e fotos, converteram-se para diários em vídeo, que, além de textos e fotos, permitem também áudio, trilha sonora, efeitos especiais e uma edição que se adéqua ao produto final." Assim, o *blog*, que inicialmente era composto apenas por textos e fotos, expandiu significativamente suas possibilidades.

Dando continuidade, para compreender melhor a organização de um *Vlog*, podemos recorrer à citação de Leite (2019), que afirma:

Os *vlogs* são vídeos cuja característica estética envolve o produtor de conteúdo falando diretamente para a câmera, com enquadramento direcionando a atenção do espectador para o personagem, podendo ou não ter um cenário que contextualize um ambiente de vivência cotidiana do *YouTuber*, usualmente um cenário que remeta ao ambiente residencial (LEITE, 2019, p.96).

De acordo com Leite (2019), o cenário dos *vlogs* geralmente está ambientado em residências, proporcionando uma visão da vida pessoal dos criadores e reforçando a sensação de autenticidade e intimidade. Essa abordagem possibilita aos criadores de conteúdo a construção de uma base de seguidores leais e engajados, que se sentem conectados à personalidade e ao estilo de vida do *YouTuber*. Esse estilo promove uma sensação de proximidade e autenticidade, permitindo que os espectadores se sintam mais intimamente ligados ao criador. Além disso, a informalidade e a espontaneidade dos *vlogs* os tornam uma forma de comunicação eficaz.

Nesse sentido, percebe-se o motivo pela popularização dos *vlogs*. Comparando com outros canais, como a televisão, "não apenas o *vlog* é tecnicamente mais simples

de ser produzido (...), mas também constitui um modo de abordagem direta e persistente do espectador que o convida naturalmente a uma reação" (Burgess e Green, 2009, p. 79). Dessa forma, os *vlogs* não apenas democratizam a produção de conteúdo, permitindo que mais pessoas possam criar e compartilhar suas ideias, mas também estabelecem uma conexão mais autêntica e interativa com o público.

Para aprofundar nossa compreensão sobre o tema, podemos recorrer à análise de Luna e Branco (2013), que destaca:

Apesar de os *vlogs* já constarem nos registros do país desde 2003, o *vlog* (videolog, ou ainda, *videoblog*) popularizou-se no Brasil durante o ano de 2010 e teve sua difusão facilitada pelo site Youtube, lançado em 2005, que oferecia um meio fácil e de qualidade para disseminar vídeos curtos. A dinamicidade, a falta de censura, a irreverência e a brevidade dos vídeos (entre 05 e 15 minutos) atraem principalmente o público jovem, que vê neste gênero uma oportunidade de se fazer ver e ouvir"(LUNA; BRANCO, p.44, 2013)

O impacto do *YouTube* na produção e consumo de vídeos *online* é inegável. O *YouTube* transformou radicalmente a forma como os vídeos são compartilhados e consumidos na internet. Graças à sua interface intuitiva e às ferramentas de publicação acessíveis, a plataforma possibilitou que qualquer pessoa com uma câmera e uma conexão à internet pudesse criar e compartilhar conteúdo audiovisual. Essa democratização da produção de vídeos impulsionou o surgimento dos *vlogs*, estabelecendo-os como uma mídia popular e uma significativa fonte de renda para muitos criadores de conteúdo.

Karhawi (2017) ressalta em sua pesquisa que até mesmo a nomenclatura atribuída a esses profissionais está em constante debate e evolução, refletindo a natureza dinâmica e mutável desse campo. Conforme ela observa:

Em matéria do jornal Extra, publicada em 17 de julho de 2010, PC Siqueira – um dos primeiros produtores de conteúdo brasileiros no YouTube – é chamado de “*videoblogueiro*” e, em algumas passagens, apenas de *blogueiro*. A confusão é coerente uma vez que o termo *vlogger/vlogueiro* deriva de *blogger/blogueiro*. Enquanto os primeiros compartilham textos escritos, os recém-chegados transformam seus textos em vídeos [...]. Mais recentemente, o termo *vlogger* ou *vlogueiro* foi substituído por *Youtuber*, uma referência direta à plataforma na qual esses influenciadores consolidaram sua profissão (KARHAWI, 2017, p. 51).

Seguindo essa linha de raciocínio, a terminologia utilizada para descrever os criadores de conteúdo é frequentemente influenciada pela plataforma que eles utilizam predominantemente. Como Leite (2019) expõe:

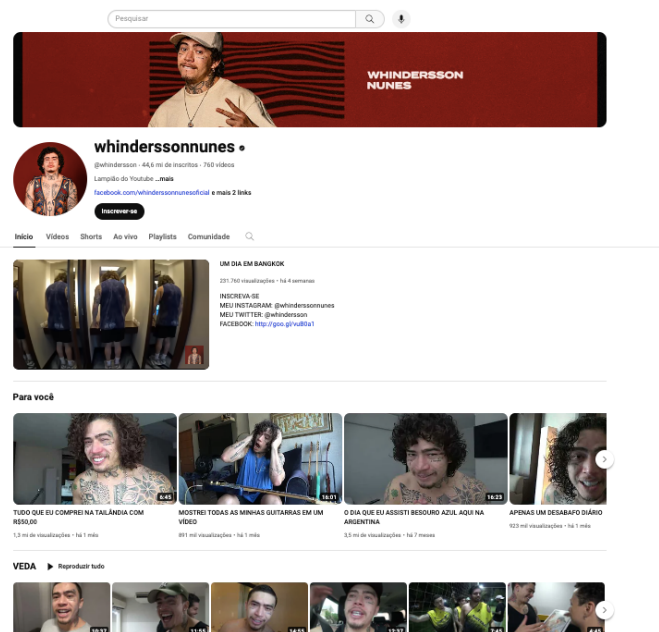
Esses usuários que publicam conteúdo no site YouTube seguem uma tendência de receberem a designação de sua profissão a partir de sua plataforma principal de divulgação de conteúdo, no caso dos YouTubers o YouTube, do Snapchat os Snapchatters, do Instagram os Instagramers, no Twitter os Twitteiros (LEITE, 2019, p.47).

Em seguida, Leite (2019) ainda pontua:

Diferente da tendência anterior que os nomeava a partir do perfil da plataforma como os *Blogs* deram nomes ao *Blogueiros* e os *Vlogs* aos *Vlogueiros*. Atualmente as marcas das plataformas se sobrepõem à função da plataforma e são fonte para nomear os produtores de conteúdo de cada uma delas (LEITE, 2019, p.47).

No Brasil, um dos exemplos mais destacados de sucesso no *YouTube* é o comediante Whindersson Nunes. Sua popularidade é tão impressionante que supera a audiência de muitos grandes portais de comunicação. De acordo com Chacon (2017), o número de usuários que se inscrevem para acompanhar seu conteúdo é significativamente superior ao de muitos veículos de mídia tradicionais. Logo abaixo, na figura 13, temos a apresentação do seu canal:

Figura 13 - - Canal no Youtub de Whindersson Nunes



Fonte: <https://www.youtube.com/user/whinderssonnunes>

Whindersson Nunes é, sem dúvida, um dos maiores fenômenos da internet brasileira. Leite (2019) afirma que "Whindersson Nunes é o canal, no formato *vlog*, com maior número de usuários inscritos do Brasil e um dos maiores canais brasileiros, em comparação a todos os canais cadastrados no site". Com um carisma inegável e um talento nato para o humor, ele conquistou milhões de fãs ao redor do mundo. Seu canal no *YouTube*, que em 2024 conta com impressionantes 44,6 milhões de inscritos, é um testemunho do seu sucesso e do seu impacto na cultura digital contemporânea.

O que torna Whindersson tão especial não é apenas o seu senso de humor, mas também a autenticidade com que ele compartilha sua vida e suas experiências. Desde os seus vídeos mais engraçados até os mais reflexivos, ele consegue criar uma conexão genuína com o seu público, fazendo com que as pessoas se sintam parte da sua vida.

Em seus vídeos, Whindersson não tem medo de compartilhar momentos íntimos, desafios e conquistas da sua vida pessoal. Ele transforma suas experiências em histórias divertidas, emocionantes e, muitas vezes, inspiradoras. Esse tipo de conteúdo faz com que os espectadores se sintam mais próximos dele, como se estivessem conversando com um amigo.

Whindersson Nunes é habilidoso na criação de *vlogs* envolventes. Utilizando esse formato, ele compartilha momentos do seu dia a dia, viagens e experiências, além de abordar temas sérios de maneira descontraída e acessível. Ao mostrar seu cotidiano e suas experiências pessoais, os *vlogs* criam a sensação de intimidade com os espectadores, estabelecendo laços e vínculos. No entanto, mesmo buscando manter a espontaneidade, os *vlogs* são editados e até em transmissões ao vivo há um roteiro mínimo que influencia a percepção transmitida. Conforme Santos (2015) afirma:

Os primeiros “YouTubers” surgiram há alguns anos atrás, quando fazer um vídeo na internet não tinha pretensão de ganhar com publicidade e muito menos pensar em faturamento de outras formas. Tudo o que eles queriam era falar sobre o que gostavam e compartilhar isso na internet. De uns tempos pra cá isso mudou, tem muita gente que transformou seu canal no YouTube realmente em um negócio e conseguir empreender nessa área se tornou o sonho de toda uma geração. Por meio de publicidade do Google, os usuários que possuem mais visibilidade e frequência de produção ganham dinheiro com seus canais (SANTOS, 2015, *online*)

Com base na evolução dos *vlogs* e sua influência na comunicação contemporânea, é evidente que ampliam as possibilidades expressivas, mas também redefinem a interação entre criadores e audiências. A fusão de elementos visuais, sonoros e textuais nos *vlogs* não apenas atrai um público diversificado, especialmente jovens imersos na cultura digital, mas também estabelece novos padrões de autenticidade e conexão emocional. Ao permitir que criadores como Whindersson Nunes compartilhem suas vidas de maneira íntima e acessível, esse gênero não apenas entretém, mas também cria um espaço para reflexão, inspiração e identificação pessoal. Assim, os *vlogs* representam não apenas uma evolução nos formatos de mídia, mas também uma nova forma de narrativa que ressoa profundamente na era digital.

Além disso, destaca-se também o *audioblog*. Este formato combina elementos de áudio com a prática de *blogging* tradicional, criando uma experiência única para o público. Conforme The Guardian (2004), "o *audioblog* é formado pela combinação de 'áudio' com '*blogging*'. *Audioblogging* é uma extensão dos *blogs*, onde os *blogueiros* substituem a maior parte das *postagens* de texto por gravações de voz" (apud Huann; Thong, 2006, p. 2, tradução própria).

Além disso, Harris (2006) considera o *audioblog* como uma plataforma de *blog* que integra *links* para *podcasts*. Segundo Cebeci e Tekdal (2006), o *audioblog* incorpora

arquivos de *podcast* à sua estrutura, aproveitando a funcionalidade de alimentação RSS (*ReallySimpleSyndication*) para distribuir e atualizar conteúdos de forma eficiente. Essa combinação de *postagens* textuais e áudio permite ao *audioblog* notificar os usuários sobre novas publicações e episódios através da RSS, facilitando o acesso e a interação com o conteúdo multimodal oferecido.

Segundo uma pesquisa conduzida por Tan, Ow e Tan (2006), a literatura atual revela uma lacuna em estudos dedicados ao *audioblog*. Contrariando a percepção comum, o *audioblog* não é simplesmente um *podcast*; ele representa a fusão entre *blog* e *podcast*. Mantendo características típicas dos *blogs*, o *audioblog* se destaca pela: (i) facilidade de *postagem*, (ii) ordem cronológica reversa das informações e (iii) arquivamento automático de *postagens* (Huann&Thong, 2006).

Tan e Tan (2010) apontam que o *audioblog* representa uma evolução em relação ao *blog* tradicional. Ele permite que os usuários compartilhem suas próprias produções de forma oral, superando simplesmente inserir *links*, vídeos e imagens de um *site*. Nesse sentido, a influência dos *audioblogs* na esfera digital é notável e sua popularidade crescente indica uma mudança nas preferências dos consumidores de conteúdo *online*. Como observado por Santos e Fernandes (2015), o *audioblog* oferece uma experiência auditiva imersiva que pode ser consumida enquanto o usuário realiza outras atividades, como dirigir, fazer exercícios ou trabalhar.

A ascensão dos *audioblogs* também está relacionada à tendência crescente de consumo de conteúdo em dispositivos móveis. Com a proliferação de *smartphones* e *tablets*, os usuários buscam formas de consumir conteúdo de maneira conveniente e flexível. O formato de áudio dos *audioblogs* se adapta bem a essa realidade, permitindo que os usuários acessem o conteúdo enquanto estão em trânsito ou em situações onde a leitura de um *blog* tradicional seria impraticável.

Conforme defendido por Felix e Stolarz(2013, p. 17, tradução nossa), "*Podcast* é provavelmente o termo mais popular para *audioblog*, mas implica no *iPod*." Isso reflete a origem do termo, associado inicialmente aos dispositivos da *Apple*. Contudo, os *audioblogs* evoluíram para muito além dessa conotação inicial, abrangendo diversas plataformas e dispositivos. Atualmente, os *blogs* de áudio são amplamente acessíveis em *smartphones*, computadores e outros dispositivos, sendo produzidos e consumidos

em uma variedade de contextos e formatos, o que demonstra sua adaptabilidade e popularidade contínua.

Além disso, conforme Huann e Thong (2006, p. 2, tradução própria) afirma sobre o termo *podcast*:

"Semelhante ao *audioblog*, a palavra '*podcasting*' é derivada de uma combinação de '*iPod*' e '*broadcasting*'. Refere-se ao conceito em que programas de áudio *online* (como *talk shows* ou programas de música hospedados) em formato digital são baixados para ouvir na casa do usuário."

Todavia, atualmente, o consumo de *podcasts* perpassa inúmeras plataformas, não se limitando mais aos indivíduos que possuem um *iPod*. Com a diversificação dos dispositivos e o avanço das tecnologias de transmissão de dados, os *podcasts* se tornaram acessíveis a um público muito mais amplo. Agora, é possível ouvir *podcasts* em *smartphones*, *tablets*, computadores e até mesmo em dispositivos inteligentes de casa, como assistentes virtuais e alto-falantes conectados.

Além disso, Hargis, Schofield e Wilson (2008, p. 33, tradução nossa) afirmam que "um *blog* de áudio ou *podcast* combina o poder de um *blog* - seu lado cru, informal e envolvente - com a tendência de ouvir música e voz através de um leitor de MP3; o mais popular tem sido o *iPod da Apple*." Dessa forma, o termo *audioblog* é mais adequado para se referir ao gênero, considerando que o termo *podcast* remete a um aparelho específico da marca *Apple*.

Conforme Huann e Thong (2006, p. 3, tradução própria), "olhando para trás, os *blogues* e os *audioblogues* já existiam muito antes de o *podcasting* se ter tornado popular no final de 2004." Essa afirmação destaca a evolução e a continuidade das formas de comunicação digital. Nesse sentido, é importante compreender as distinções entre o *audioblogs* e *podcasts*, para melhor apreciar suas particularidades e contribuições para a mídia digital. Sendo assim, com base em Huaan e Thong, o quadro a seguir apresenta as diferenças entre esses formatos:

Quadro 2

Aspecto	Audioblog	Podcast
Semelhanças		
Tipo de conteúdo – gravações de voz	Gravações de voz são o principal conteúdo, podendo incluir música.	Gravações de voz são o principal conteúdo, podendo incluir música.
Feeds RSS para distribuição de conteúdos	Utilizam feeds RSS para notificação de novos posts/episódios.	Utilizam feeds RSS para notificação de novos posts/episódios.
Apelo da vasta audiência da Internet	Incentivam os criadores a produzir novos conteúdos regularmente devido ao acesso a uma ampla audiência.	Incentivam os criadores a produzir novos conteúdos regularmente devido ao acesso a uma ampla audiência.
Diferenças		
Natureza do conteúdo	Auto-reflexivos, funcionam como diários de voz reflexivos dos blogueiros.	Semelhantes a programas de rádio, muitos podcasters se veem como DJs transmitindo para ouvintes.
Modos de expressão	Podem incluir texto, hipertexto, imagens/gráficos, clipes de vídeo junto com o áudio.	Principalmente focados na voz humana, com possíveis descrições textuais. Incorporam elementos visuais com a experiência.

Fonte: Huaan e Thong, 2006, com tradução própria

Apesar de todas as vantagens e do potencial dos *audioblogs*, é essencial reconhecer os desafios que eles também apresentam. A qualidade do áudio, a necessidade de habilidades técnicas para produção e edição, e a concorrência com outros formatos de conteúdo são alguns dos obstáculos enfrentados pelos criadores de *audioblogs* (Ferreira & Costa, 2020).

No contexto da concorrência mencionada anteriormente, é comum observar o formato de *podcast* integrado aos *blogs* na atualidade. A seguir, apresentamos um exemplo que ilustra essa intersecção entre o formato escrito e o conteúdo auditivo. Trata-se de um *blog* que inclui *links* para *podcasts*, mostrando como os *audioblogs* combinam *postagens* de texto e áudio de maneira integrada. Este exemplo demonstra claramente a evolução e a versatilidade dos gêneros textuais digitais, adaptando-se às preferências e necessidades dos consumidores de conteúdo na era digital.

Figura 14 - BlogPod ler e escrever



Fonte: <https://www.podlereescrever.com.br/blog>

Após o que foi mencionado, é importante entender a evolução do termo "*audioblog*" e sua relação com os *podcasts*. Originalmente, "*audioblog*" referia-se à prática de inserir gravações de áudio diretamente em *blogs*, permitindo aos autores se expressarem por meio de voz em vez de apenas texto. No entanto, com o tempo, o termo "*podcast*" tornou-se mais prevalente e praticamente substituiu "*audioblog*" no senso comum.

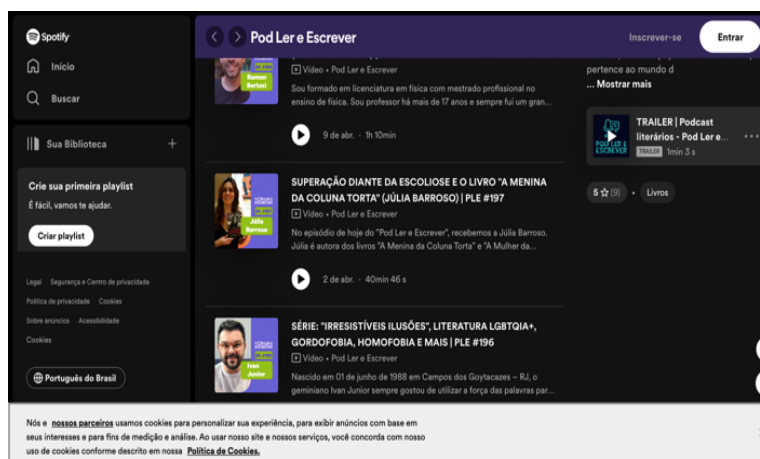
O termo "*podcast*" tem suas raízes na *Apple*, especificamente relacionado ao iPod, o famoso dispositivo de música da empresa. A combinação do iPod com a facilidade de distribuir conteúdo de áudio por meio de *feeds RSS* popularizou o uso do termo.

Os *podcasts* ganharam destaque rapidamente devido à sua acessibilidade e conveniência. Diferentemente dos *audioblogs*, que estavam restritos ao formato *blog*, os *podcasts* podiam ser facilmente baixados e ouvidos em qualquer lugar, especialmente em dispositivos móveis. Essa flexibilidade contribuiu para a explosão da popularidade dos *podcasts*, levando muitas plataformas de *blog* a incorporar funcionalidades de *podcasting*.

Alguns *blogs* começaram a inserir o formato de *podcast* em seus conteúdos, combinando essas duas alternativas, como pode ser observado na Figura 12. Um exemplo é o *blog* "Pod ler e escrever", desenvolvido pelo BINGO - Conteúdos Literários, que se dedica ao *podcast* literário. O *blog* oferece uma plataforma para conversas enriquecedoras com escritores, produtores de conteúdo e profissionais do mercado do livro, além de todos aqueles que têm paixão pelos livros. No *blog*, são apresentados textos que exploram diversos temas literários.

Além disso, para aqueles que preferem consumir o conteúdo de forma auditiva, o *blog* disponibiliza *links* para *podcasts* na plataforma *Spotify*. Como pode ser observado na Figura 14, essa integração entre texto e áudio proporciona uma experiência multimodal aos usuários, permitindo que escolham a forma de consumo que mais lhes agrada. Essa abordagem exemplifica a versatilidade dos *audioblogs* em oferecer conteúdo diversificado e adaptado às preferências do público.

Figura 15 - Pod Ler e escrever (Spotify)



Fonte: <https://open.spotify.com/show/4JfaqgTRwiVfPs66EPR4rR>

2.5 Microblogging: O uso do X (antigo Twitter)

Nos últimos anos, tem-se observado, em escala global, uma transformação significativa no conceito de *blog*. Originalmente, os *blogs* eram plataformas dominantes para o compartilhamento de pensamentos, histórias pessoais e opiniões. No entanto, hoje enfrentam uma espécie de "crise" (Träsel, 2007). Essa crise não se deve ao desinteresse pelo conteúdo, mas sim à evolução e adaptação dos elementos tradicionais dos *blogs*, que levaram ao surgimento de diversas novas ferramentas baseadas no conceito original. Dependendo do tipo de conteúdo principal, essas ferramentas podem ser categorizadas de diversas formas (Phoebe, 2007).

As redes sociais são um exemplo notável dessa evolução. Elas podem ser consideradas "ferramentas telemáticas que permitem ao usuário criar um perfil de dados sobre si mesmo na rede e compartilhá-los com outros usuários" (Castañeda e Gutiérrez, 2010:25). Observou-se que algumas redes sociais estão sendo utilizadas como diários pessoais pelos usuários, podendo ser públicos ou privados conforme a escolha

do autor. Essa utilização reflete a adaptação dos *blogs* ao novo ambiente digital, onde a interação e a imediatividade são valorizadas.

Um exemplo marcante dessa prática é o X (antigo *Twitter*). Com seu limite de 280 caracteres, a plataforma permite que os usuários compartilhem pensamentos, momentos do dia a dia, opiniões e até mesmo reflexões mais profundas. Além disso, os usuários podem decidir se desejam tornar seus perfis públicos, acessíveis a qualquer pessoa, ou privados, limitando o acesso apenas aos seguidores aprovados. Essa funcionalidade é definida por alguns estudiosos como *microblogging*, que é "um serviço que permite aos seus usuários publicar mensagens curtas de texto" (De Haro, 2010:92). Orihuela (2007) define o *microblog* como uma fusão entre *blog*, rede social e mensagens instantâneas.

A história do *microblogging* é interessante. Zago (2008, p.6) afirma que existem registros de *microblogs* desde 2002. No entanto, foi apenas em 2006, com a criação do antigo *Twitter*, que o *microblogging* ganhou popularidade e se estabeleceu como uma ferramenta significativa no cenário digital. Atualmente, com a renomeação para X, a plataforma continua a ser um dos principais meios de *microblogging*, demonstrando a contínua evolução e relevância desse formato.

Silveira (2010, p. 62) discute a criação de um gênero mais compacto de *blog*, motivada pela necessidade de transmitir informações de forma rápida e instantânea. Ele observa que, em uma sociedade caracterizada pelo crescimento acelerado e pela transformação contínua desde a Revolução Industrial, as pessoas querem saber o que os outros estão fazendo e com quem estão se comunicando. No entanto, elas frequentemente não têm tempo para acessar várias páginas ou ler textos longos. Esse cenário deu origem aos *microblogs*. Conforme Silveira afirma:

Com a necessidade de agilidade e instantaneidade de informações, de se saber o que outro faz, com quem se comunica e, paradoxalmente, com a falta de tempo para acessar muitas páginas ou de ler grandes textos, sintomas típicos de uma sociedade que, desde a revolução industrial, cresce, desenvolve-se e transforma-se, surge um gênero de *blog* mais compacto, que também anda na linha de programas de conversação instantânea e rede social, os chamados *microblogs*.

Silveira (2010, p. 67) discute as transformações na sociedade e como elas afetaram os *blogs*. Ele observa que os *blogs*, inicialmente caracterizados por uma escrita

mais subjetiva e pessoal, evoluíram para se tornarem espaços de informação, leitura e discussão, frequentemente escritos de forma colaborativa. Essa mudança reflete a adaptação dos autores ao novo ambiente digital, onde a instantaneidade e a interatividade são valorizadas. De acordo com a autora:

Os *blogs* de cunho mais subjetivo, ao modelo da escrita do eu, como era em seu princípio, passou-se a um *blog* de informação, de leitura, de um espaço para discussão e que também pode ser escrito de forma colaborativa. Criou-se um autor aberto ao novo mundo, que escreve com naturalidade em um suporte diferente, ainda que tenha sido um pouco penoso a princípio para os que não nasceram na era digital, mas que vivem nela e que passaram a usar seus recursos, seja por necessidade ou por vontade.

Com o surgimento dos *microblogs*, como exemplificado pelo X(antigo *Twitter*), essa tendência se intensifica. Os *microblogs* permitem que os usuários compartilhem pensamentos e informações de forma concisa e imediata, combinando a rapidez das mensagens instantâneas com a estrutura de um *blog*. Silveira (2010) sugere que esses formatos compactos não apenas atendem à necessidade de acesso rápido à informação, mas também transformam a maneira como as pessoas se comunicam e interagem *online*, ampliando o alcance e a dinâmica das conversações digitais.

Dentro do contexto dos *microblogs*, os usuários exploram uma ampla diversidade de temas. Conforme observado por Komesu (2010, p. 344), "pode-se dizer que usuários de *blog* e/ou *microblog* escrevem sobre 'tudo': de literatura a cinema, música, mídia, política, economia, saúde, educação, meio ambiente [...]." Essa versatilidade reflete não apenas a riqueza de interesses dos usuários, mas também a capacidade dessas plataformas de abranger uma variedade de tópicos que são relevantes e significativos para suas audiências.

Além disso, em relação ao uso, Java *et al.* (2007) mostram que os usuários de *microblogs* tratam principalmente de assuntos do cotidiano, além de buscar e/ou compartilhar informações, especialmente através dos *links* adicionados às *postagens*. Esse comportamento demonstra como os *microblogs* não apenas refletem as preocupações diárias dos usuários, mas também funcionam como uma plataforma dinâmica para a disseminação rápida e eficiente de conteúdos.

A partir disso, podemos entender que os *microblogs* são essencialmente *blogs* com limitações, principalmente quanto ao número de caracteres. O foco dessas plataformas está na troca instantânea de informações, facilitada pelo uso de dispositivos

móveis.

Cada ferramenta tem suas particularidades, mas em geral, apresentam funcionalidades similares às dos *blogs*, porém de forma mais simplificada. Enquanto nos *blogs* a conversação ocorre principalmente pelos comentários (Primo e Smaniotto, 2006), nos *microblogs* ela se dá através das mensagens trocadas entre os usuários.

O X tem sido amplamente utilizado como um diário pessoal por muitos de seus usuários. A plataforma, com sua limitação de caracteres por *post*, torna-se um espaço ideal para compartilhar pensamentos, sentimentos e acontecimentos do dia a dia de forma rápida e direta. Para muitos, o X funciona como um espaço para registrar momentos significativos, reflexões pessoais ou simples observações cotidianas. Os usuários frequentemente compartilham experiências, desafios, conquistas e até mesmo desabafos, criando uma narrativa contínua de suas vidas em tempo real.

Além disso, o X permite uma interação imediata com outros usuários através das respostas e *repost*, o que pode enriquecer ainda mais a experiência de usar a plataforma como um diário pessoal. A natureza pública dessa rede social também desempenha um papel importante na sua utilização como diário pessoal. Embora os usuários tenham a opção de proteger seus *posts* e limitar seu público, muitos optam por manter seus perfis abertos, compartilhando suas histórias e experiências com um público mais amplo. Isso pode ser motivado pelo desejo de se conectar com outras pessoas que compartilham interesses semelhantes, receber *feedback* ou simplesmente pela vontade de deixar uma marca no mundo digital.

Em suma, a evolução dos *blogs* para os *microblogs* representa não apenas uma adaptação às demandas crescentes por rapidez e interatividade na era digital, mas também uma transformação na maneira como compartilhamos informações e nos conectamos *online*. Desde sua origem como plataformas para reflexões pessoais e opiniões até seu papel atual como ferramentas essenciais para comunicação instantânea e disseminação de conteúdo, os *blogs* e *microblogs* têm moldado e refletido as dinâmicas sociais contemporâneas.

Os *microblogs*, como exemplificado pelo X (antigo *Twitter*), destacam-se pela capacidade de oferecer uma experiência de compartilhamento conciso e imediato, influenciando não apenas a comunicação individual, mas também o fluxo de

informações em larga escala. Essas plataformas não só ampliam o alcance das vozes individuais, mas também promovem uma nova forma de narrativa digital, onde cada *post* pode contar uma história, expressar uma opinião ou iniciar uma conversa global.

3. Considerações finais

A pesquisa focada em estudar a evolução de um determinado gênero textual ao longo dos anos representa uma oportunidade única de aprendizado. Através da análise dos fatores sociais, culturais e históricos, foi possível compreender como a nossa sociedade molda os meios de comunicação e expressão. Esta investigação diacrônica permitiu observar as transformações e movimentos da sociedade ao longo do tempo, destacando como as exigências, mecanismos e padrões das sociedades passadas diferem significativamente dos atuais. Além disso, ao analisar essas mudanças, foi possível apreciar a complexidade e a dinamicidade das interações sociais e tecnológicas que influenciam a evolução dos gêneros textuais, fornecendo informações valiosas sobre a adaptação contínua das formas de comunicação às necessidades contemporâneas.

Voltando para o século XVII, por exemplo, não era possível, imaginar que pudéssemos nos comunicar utilizando um aparelho móvel. Em séculos passados, a informação não chegava de forma tão imediata, e a noção de privacidade, intimidade, público e privado diferia totalmente do que observamos hoje.

Nesse sentido, respondendo à questão central deste trabalho, podemos concluir que a sociedade está constantemente em movimento. Essa dinâmica contínua é impulsionada por eventos, descobertas, mudanças de padrões e novas tecnologias que transformam o ambiente ao nosso redor. Fazendo uma analogia com o *blog*, podemos comparar nossa sociedade a *links* interconectados: à medida que exploramos novos caminhos, geramos mais conexões, expandindo o fluxo de informações e alterando nosso contexto, necessidades e usos.

A elaboração deste trabalho permitiu analisar que ao examinar o passado para entender o presente, podemos vislumbrar perspectivas para o futuro. Esse processo revela um movimento cíclico, em que as sociedades continuamente se deparam com novos gêneros e formas de comunicação. Os gêneros textuais, assim como as

sociedades, estão em constante evolução. Diante dessa informação, surge outra relevância deste trabalho; assim como utilizei informações de pesquisadores anteriores para compreender o presente, minha pesquisa pode servir futuramente como base para compreender o contexto de indivíduos à frente.

Ao decorrer da história, noções sobre privacidade foram desenvolvidas, essa expressão de privacidade perpassou por alguns gêneros textuais. Das inúmeras formas, podemos citar o diário pessoal, que era uma ferramenta muito utilizada para relatos de intimidades, alguns desses relatos, que inclusive foram expostos no meu trabalho, serviram como textos fundamentais para compreender determinado contexto histórico onde estava situado.

Posteriormente, com o surgimento da internet, alguns profissionais que tinham facilidade com programação criaram os primeiros *blogs*, que eram, de certa forma, limitados aqueles com conhecimento técnico. Todavia, com a chegada de plataformas como o *Blogger*, o acesso foi facilitado, ou seja, democratizado.

A partir daí, a criação de *blogs* se proliferou e as plataformas de suporte evoluíram significativamente, incorporando recursos como vídeos, músicas e fotos. Isso permitiu uma maior diversidade de conteúdos e atraiu uma variedade de usuários. Além disso, os *blogs* provêm de se especializar em diferentes gêneros, como jornalístico, informativo, pessoal e musical, atendendo a diversos interesses e necessidades dos leitores.

Logo em seguida, o conteúdo dos *blogs* começou a migrar para outras plataformas digitais, levando ao surgimento dos *vlogs* no YouTube, dos *podcasts* no Spotify e do microblogging no X. Essas novas formas de comunicação controlavam a essência dos *blogs*, mas adaptaram seus formatos para atender às crescentes necessidades de consumo rápido e interativo de informação.

Desta forma, apresento até o momento um breve panorama da história dos blogs e algumas de suas transformações. Fica evidente que, assim como Marcushi defende, os gêneros textuais são maleáveis e se adaptam conforme as necessidades presentes na sociedade.

Referências

- ALCALÁ, David Hortigüela; PUEYO, Ángel Pérez. **Utilización del audioblog como instrumento formativo y generador de aprendizaje en el aula**. *Revista de Comunicación de la SEECI*, n. 37, p. 1-35, 2015.
- ARENDT, Hannah. **The human condition**. Chicago: University of Chicago Press, 1958.
- BARGER, Jorn. **“Weblog”**. 1997. Disponível em: <https://sridc.wordpress.com/2007/12/06/weblog-1997-jorn-barger/>. Acesso em: 27 jul. 2024.
- ANDERSSON, Johannes; BLOMKVIST, Martinho; HOLMBERG, Mattias. **Marketing de blog: uma perspectiva do consumidor**. 2007.
- BARROS, Jordana Fonseca. **O blog está morto? Uma reflexão sobre**. In: *XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. 2019.
- BATISTA, Juliana Chacon. **Evolução do fenômeno da espetacularização nas mídias: um estudo de caso do youtuber Whindersson Nunes**. 2017.
- BATISTA, Patrícia Pereira et al. **Blogar por quê? Por que blogar?** 2010.
- Blogger.com. **Create a unique and beautiful blog. It's easy and free**. Disponível em: <https://www.blogger.com/>. Acesso em: [data de acesso não especificada].
- BLOOD, Rebecca. **Como o software de blogs remodela a comunidade online**. *Communications of the ACM*, v. 47, n. 12, p. 53-55, 2004.
- BLOOD, Rebecca. **Weblogs: A History and Perspective**. Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html. Acesso em: 13 ago. 2008.
- BOLTER, J. D. **Writing Space: Computer, Hypertext, and the Remediation of Print**. 2. ed. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.
- BOYD, danah. **“Social Network Sites: Public, Private, or What?”** In: *Knowledge Tree*, n. 13, May, 2007. Disponível em: [link não especificado].
- BREJO, Janayna. **O conto que as caixas contam: relatos de um projeto de “contação” de histórias**. *Extramuros - Revista de Extensão da UNIVASF*, v. 9, n. 3, 2021.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.
- BUZETTO, Bruno Souza; MARCUZZO, Patrícia. **Testagem de proficiência em língua inglesa no formato de curso online: uma análise de gênero**. *Entrepalavras*, v. 13, n. 2, p. 84-110, 2023.

CARR, Nicholas. **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros**. Tradução de Mônica Gagliotti Fortunato Friaca. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CARVALHO, Rosa Meire. **Diários públicos, mundos privados: Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**. Dissertação de Mestrado. UFBA, 2002. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicos-mundosprivados.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2008.

CHASTAING, M. Girard. **Le Journal Intime**. 1968.

CRYSTAL, David. **Language and the Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

DA ROCHA BARICHELO, Eugenia Maria Mariano. **Visibilidade e legitimidade na atual ecologia midiática**. *Estudos em Comunicação*, n. 25, 2017.

DA SILVA ZAGO, Gabriela. **Dos blogs aos microblogs: aspectos históricos, formatos e características**. *Interin*, v. 9, n. 1, p. 1-12, 2010.

DA SILVA, Marcio Roberto Santim. **O fim da intimidade: voyeurismo e exibicionismo nas redes sociais**. São Paulo: Paco Editorial, 2018.

DE HARO, JJ. **Redes sociais para a educação**. Madri: Edições Anaya, 2010.

DE LIMA, Nádia Laguárdia; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. **O diário íntimo como produto da cultura moderna**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 62, n. 1, p. 22-34, 2010.

DE OLIVEIRA BRANCO, Sinara et al. **O vlog como gênero textual aplicado a questões de ensino de Literatura**. *Revista Letras Raras*, v. 2, n. 1, p. 42-56, 2013.

DE OLIVEIRA GÓIS, João Alberto. **A intimidade e a vida privada em face de biografias não autorizadas: avanço da esfera pública sobre a esfera privada**. São Paulo: Editora Dialética, 2020.

DE QUADROS, Claudia Irene; SPONHOLZ, Liriam. **Deu no blog jornalístico: é notícia?** *Intexto*, n. 15, p. 73-87, 2006.

DEXAKETO, POR. **O Primeiro Blog do Mundo**. Disponível em: <https://dexaketo.com/2023/03/05/o-primeiro-blog-do-mundo/>. Acesso em: 25 out. 2023.

DINIZ, Ivaldo Frois. **Contribuição da ferrovia para a urbanização: 1908-1950. Alguns apontamentos sobre o Norte de Minas**. 2012.

DO, G. **Publicação on-line do “Diário de Anne Frank” é alvo de polêmica**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/literatura/publicacao-on-line-do-diario-de-anne-frank-e-alvo-de-polemica-bcz1flulcjcxyuy4o9u9np6/>. Acesso em: 27 jul. 2024.

DÓRIA, Pedro. **O fim dos blogs**. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 mar. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/o-fim-dos-blogs-15419098>. Acesso em: 6 jul. 2024.

DUBY, Georges. **A History of Private Life**. Belknap Press, 1987.

E ANDRADE, Carolina Lourenço Reimberg. **Vlog como gênero da indústria audiovisual**. 2015.

KLEIN, Ezra. **“O que a saída de Andrew Sullivan diz sobre o futuro dos blogs”**. *Vox*, 30 jan. 2015. Disponível em: <http://www.vox.com/2015/1/30/7948091/andrewsullivanleavingblogging?curator=MediaREDEF>. Acesso em: 11 mar. 2024.

FAREED, Wan. **Affordances analysis of an audioblog and suggestions for its recruitment in oral lesson**. *Instructional Technology*, v. 55, 2010.

FELIX, Lionel; STOLARZ, Damien. **Hands-on guide to video blogging and podcasting: Emerging media tools for business communication**. Routledge, 2013.

FOLHA DE S.PAULO. **“O Beijo” transforma incesto em bestseller americano - 28/6/1997**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/6/28/ilustrada/1.html>. Acesso em: 25 out. 2023.

FRANÇA, Fernando Wilson de Lima Soares. **A mercadoria Eu: os influenciadores digitais na mídia social Instagram**. 2022.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. *São Paulo em Perspectiva*, v. 14, n. 2, p. 3-11, abr./jun. 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002. Acesso em: 15 abr. 2020.

HARGIS, Jace; SCHOFIELD, Kathleen; WILSON, David. **Fishing for Learning with a Podcast Net**. *Journal of Educational Technology*, v. 4, n. 4, p. 33-38, 2008.

HARRIS, C. **Blogs, podcast, and the letter J**. *Library Media Connection*, v. 25, p. 60-62, 2006.

HEAD, Alison J.; VAN HOECK, Michele; HOSTETLER, Kirsten. **Why blogs endure: A study of recent college graduates and motivations for blog readership**. *First Monday*, 2017.

HISTÓRIA dos blogs: **de onde viemos e para onde vamos**. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/historia-dos-blogs/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUANN, Tan Yuh; THONG, Mong Kok. **Audioblogging and podcasting in education**. Edublog.net, 2006.

HUNT, LYNN. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JESÚS. **Breve historia de los blogs**. Disponível em: <https://www.monetizarunblog.com/historia-de-los-blogs/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

JUSTIN'S LINKS. Disponível em: <https://links.net/>. Acesso em: 5 ago. 2024.

KOMESU, F. **Pensar em hipertexto**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://miniweb.com.br/atualidade/tecnologia/hipertexto.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2024.

KOMESU, Fabiana. **Espaços e fronteiras da liberdade de expressão em blogs na internet**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 49, p. 343-357, 2010.

KOMESU, Fabiana. **Pensar em hipertexto**. In: ANDRÉ, Marli (Org.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, v. 1, p. 98-102, 2005.

KRAMER, Samuel Noé. **Os sumérios: sua história, cultura e caráter**. Imprensa da Universidade de Chicago, 2010.

LABORDA, Xavier. **Lingüística y ciencia del siglo XVII, en el diario de Samuel Pepys**. *Sintagma*, v. 17, p. 5-33, 2005.

LEITE, Rafaela Bernardazzi Torrens et al. **Youtuber: o produtor de conteúdo do Youtube e suas práticas de produção audiovisual**. 2019.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2004.

LIMA, F.; LUNA, R. P. **Pensando o vlog como gênero textual aplicado ao ensino**. In: *III Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais - III SINALGE*, 2012, Campina Grande. *Linguagens, gêneros e discursos*. João Pessoa: Ideia, 2012. v. 1, p. 638-649.

LOUREIRO, J. **Pod Ler e Escrever**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4JfaqgTRwiVfPs66EPR4rR>. Acesso em: 27 jul. 2024.

LÜDKE, Menga. **A complexa relação entre o professor e a pesquisa**. In: ANDRÉ, Marli (Org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2006. p. 27-54.

MARCELO, J.; FONSECA. **UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS MBA MARKETING ESTRATÉGICO A INFLUÊNCIA DO SELO VERDE NA DECISÃO DE COMPRA ALUNA: BIANCA CANALE SIRENA**. [s.l: s.n.]. Disponível em: https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/5904/Bianca+Canale+Sirena_.pdf?. Acesso em: 27 jul. 2024.

MARCOLIN, V. **Aconteceu em 3 de maio**. Disponível em: <https://revistaoeste.com/historia/aconteceu-em-3-de-maio/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio et al. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. *Gêneros textuais e ensino*, v. 2, p. 19-36, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

MILLER, C. R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

MILLER, Carolyn R.; SHEPHERD, Dawn. **Blogar como ação social: uma análise do gênero weblog**. *Estudos sobre: gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. 61-92, 2009.

MONÇALE, Andressa Mirelli; GOMES, Willian; ARRUDA NETO, E. **Blogueiro como ferramenta de marketing**. In: *Anais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste*, Campo Grande. 2015.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu, 2018.

MUTIA, Lilis; GIMIN, Gimin; MAHDUM, Mahdum. **Development of blog-based audio visual learning media to improve student learning interests in money and banking topic**. *Journal of Educational Sciences*, v. 4, n. 2, p. 436-448, 2020.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. In: NÓVOA, A. (Org.). *Os Professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ORIHUELA, José Luis. **Twitter y el boom del microblogging**. *Perspectivas del Mundo de la Comunicación*, Pamplona, n. 43, p. 2-3, nov./dic. 2007.

PENTEADO, Marina Pereira. **Do público para o privado: A marca humana e a ansiedade do final do século XX**.

PERROT, Michelle et al. **História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira**. 1991.

ROCHA, G. C. da; SOUZA FILHO, Veridiano Barroso. **Da guerra às emoções: história da internet e o controverso surgimento do Facebook**. *Encontro Regional Norte de História da Mídia*, v. 4, 2016.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros Discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROMELTEA. **Sejarah Blog, Blogging, Blogger**. Disponível em: <https://romeltea.com/sejarah-blog-blogging-blogger/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

ROTH, Philip. **Pastoral Americana**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma ideia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SÁ MARTINO, L. M. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. 2. ed. 2015.

SÁNCHEZ, M^a Rosa Fernández; DOMÍNGUEZ, Francisco Ignacio Revuelta; DÍAZ, M^a José Sosa. **Redes sociais e microblogging: inovação didática na formação superior**. *Revista Latinoamericana de Tecnologia Educativa - RELATEC*, v. 11, n. 1, p. 61-74, 2012.

SANTOS, Fernanda. **Conheça a empreendedora que virou YouTuber (e vive disso)**. *Exame*, 27 dez. 2015. Disponível em: [link não especificado]. Acesso em: 19 jun. 2024.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Editora Record, 2015.

SIBILIA, Paula. **A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs**. In: *Em Questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 35-51, jan./jun. 2005.

SIBILIA, Paula. **A intimidade escancarada na rede: blogs e webcams subvertem a oposição público/privado**. In: *Intercom*, Belo Horizonte. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2003.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. Rio de Janeiro: nova fronteira, p. 158-174, 2008.

SILVEIRA, Mariane Rocha et al. **Blog: eu te lendo e eu te escrevendo**. 2010.

SULLIVAN, Andrew. **A Blogger's Creed**. *Time*, v. 164, n. 13, p. 37-37, 2004.

TAN, Yuh Huann; OW, E. G. J.; TAN, Seng Chee. **Audioblogging: Supporting the learning of oral communication skills in Chinese language**. In: *AECT Research Symposium*. Indiana: Bloomington, 2006.

TAVARES, L. **Sites feitos com o WordPress: 15 exemplos impressionantes**. Disponível em: <https://www.wptotal.com.br/sites-feitos-com-o-wordpress/>. Acesso em: 6 mar. 2024.

TECHIO, Leila Regina; PILLON, Ana Elisa. **O blog como ferramenta de interação e comunicação: estudo de caso em uma IES de Santa Catarina**. [sem dados de publicação].

The History of Blogging. Disponível em: <https://michikohasegawadk1420.wordpress.com/2013/05/02/the-history-of-blogging/>. Acesso em: 27 jul. 2024.

The history of blogs. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/the-history-of-blogs/5748>. Acesso em: 27 jul. 2024.

Top Blog 2009 - Blogs: quem veio primeiro? Disponível em: <https://pt.slideshare.net/GustavoGuanabara/top-blog-2009-blogs-quem-veio-primeiro#8>. Acesso em: 27 jul. 2024.

VERGARA-NUNES, Elton Luis; MACHADO, Flávia Oliveira; VANZIN, Tarcisio. **Audiodescrição como tecnologia assistiva para o acesso ao conhecimento por pessoas cegas.** 2013.

VIOLI, Patrizia. **Espacio público y espacio privado en la era de internet: El caso de los blogs.** *CIC. Cuadernos de Información y Comunicación*, v. 13, p. 39-59, 2008.

WEB, W. **Blog para empresas: um importante aliado do seu marketing digital.** Disponível em: <https://wbweb.com.br/blog/446-blog-para-empresas.html>. Acesso em: 27 jul. 2024.

Whinderssonnunes. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/whinderssonnunes>. Acesso em: 27 jul. 2024.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Dos Blogs aos Microblogs: Aspectos Históricos, Formatos e Características.** 2008. Disponível em: [link não especificado]. Acesso em: 24 abr. 2011.

ZIMMER, Josete Maria; PICONEZ, Stela Conceição Bertholo. **Como criar um blog no Blogspot.** *Revista Tecnologias na Educação*, n. 8, 2016.